

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

Dissertação de Mestrado

A METADISCURSIVIDADE DE PROCESSOS REFERENCIAIS

Sayuri Grigório Matsuoka

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

Fortaleza, novembro de 2007

Sayuri Grigório Matsuoka

A METADISCURSIVIDADE DE PROCESSOS REFERENCIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Área de Concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

Fortaleza - Ceará
2007

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Sayuri Grigório Matsuoka

Banca Examinadora

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante
(Orientadora)

Prof. Dr. Francisco Alves Filho
(1º Examinador)

Prof. Dr. Clemilton Lopes Pinheiro
(2º Examinador)

Prof. Dr. Júlio César Rosa Araújo
(Suplente)

Dissertação defendida e aprovada em 13 / 11 / 2007.

DEDICATÓRIA

Para Claudio Régis, com todo amor que houver nesta e nas outras vidas;
para minha mãe, Jucileide, com toda minha gratidão e amor.

AGRADECIMENTOS

Por razões diversas agradeço

Ao Claudio Régis, luz da minha vida, por cada gesto diário de colaboração, preocupação, amor e incentivo;

A minha mãe, por cada movimento que fez para que eu soubesse que o maior presente dela para mim foi o estudo;

À Prfa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira, pela competência e pelo senso ético com que coordenou o PPGL na maior parte do período em que cursei o mestrado em Lingüística.

À Profa Dra Mônica Cavalcante pela orientação;

À Profa Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa, pela competência e atenção com que acompanhou os momentos mais cruciais deste trabalho; e pela gentileza com que o fez.

À Profa Dra Emília Maria Peixoto Farias pelas riquíssimas observações que fez na minha qualificação;

À Profa Dra. Bernardete Biasi Rodrigues que, em momentos delicados deste mestrado, me estendeu a mão;

À Profa Dra. Maria Elias Soares, pela gentileza com que sempre me tratou e pelas observações teórico-metodológicas certeiras;

Ao Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo, pelo carinho e pela oportunidade de trabalhar ao seu lado;

À Profa. Ednúsia Pinto Carvalho, pelo desprendimento em compartilhar comigo seus textos sobre o metadiscorso, pela atenção e amizade.

Ao Prof. Dr. Francisco Filho, pela colaboração e pelas observações em ocasião da defesa.

À Kelcy e Waltersar, pela colaboração e carinho, mas principalmente pela amizade.

À Geórgia (Gegê), pela amizade, carinho e serenidade.

Aos amigos e amigas que, de alguma forma, colaboraram para que eu crescesse com esta experiência: Ju, Pêssega, ahloca!; Elisaudia (Eli), sempre paciente e prestativa; Isabel Larissa e Larissa (Vidal), não poderia faltar o humor; Otávia (seríssima!!); Joana; Neyle, Keylinha...

A todos os meus mestres da Letras (Lingüística e Literatura), pelo que me ensinaram;

À CAPES, pelo suporte financeiro que permitiu o desenvolvimento “tranquilo” desta pesquisa.

*quando se escreve só importa
saber em que real se entra, e se
há técnica adequada para abrir
caminho a outros.*

Maria Gabriela Llansol

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A REFERENCIAÇÃO.....	17
1.1 Referência e referenciação.....	18
1.2 Definindo as expressões referenciais.....	20
1.3 Classificando as expressões referenciais.....	22
1.3.1 A referenciação dêitica.....	23
1.3.2 A referenciação anafórica.....	26
2. CONCEPÇÃO DE METADISCURSO.....	38
2.1 O metadiscorso na Análise do Discurso.....	39
2.2 O metadiscorso na perspectiva retórica.....	40
2.2.1 O metadiscorso textual.....	43
2.2.2 O metadiscorso interpessoal.....	46
2.3 Persuasão, comprometimento e interação no metadiscorso.....	49
3. DESCRIÇÃO DAS FUNÇÕES METADISCURSIVAS EM EXPRESSÕES REFERENCIAIS.....	53
3.1 Procedimentos metodológicos.....	53
3.2 Definição e descrição das expressões referenciais metadiscursivas (ERM).....	55
3.3 Discussão dos resultados da análise das ERM.....	60
3.4 Proposta para uma análise crítico-discursiva das ERM.....	69
3.4.1 Proposta metodológica para uma análise crítico-discursiva do texto a partir das ERM.....	74
3.5 Sugestão de análise crítico-discursiva do conteúdo axiológico das ERM.....	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	101

LISTA DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Tipos de anáforas diretas (CAVALCANTE, 2004c).....	27
Tabela 1 – Marcadores metadiscursivos (HYLAND, 2005).....	51
Tabela 2 – Funções do metadiscorso no texto acadêmico (inspirado na descrição das funções metadiscursivas de Hyland(1998)).....	69
Tabela 3 – Representação esquemática da classificação de Cavalcante (2003) para as introduções referenciais.....	70
Tabela 4 - Representação esquemática da classificação de Cavalcante (2003) para as continuidades referenciais.....	72
Quadro 1 – Análise de texto (FAIRCLOUGH, 2001).....	75
Quadro 2 – Análise da prática social (FAIRCLOUGH, 2001).....	77
Quadro 3 – Análise da prática discursiva (FAIRCLOUGH, 2001).....	78
Tabela 5 – Representação de atores sociais no exemplo(61).....	83
Tabela 6 – Representação de atores sociais no exemplo(62).....	89

RESUMO

A proposta deste trabalho é identificar e descrever as funções metadiscursivas exercidas por expressões referenciais. Identificadas estas expressões objetivamos ainda apresentar uma proposta de análise para o conteúdo avaliativo destas tendo em vista a influência da observação do posicionamento do autor/co-enunciador para a construção de sentido do texto. Consideramos as expressões referenciais como objetos-de-discurso tal como os referente são concebidos na teoria da referenciação, conforme a definem Apothéloz e Reichler-Beguelin (1995); Mondada e Dubois (2003); Marcuschi e Koch (1998). O segundo constructo teórico, referente ao metadiscurso, toma como principal pressuposto teórico a noção retórica elaborada por Hyland (1998). A elaboração da metodologia da pesquisa se deu mediante a classificação de Cavalcante (2004 b e c) para as expressões referenciais; a classificação de Hyland(1998, 2005) para o metadiscurso. Como base para a análise do conteúdo axiológico das expressões referenciais com função metadiscursiva, utilizamos algumas categorias da Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

The proposal of this work is to identify and to describe the metadiscourse functions exercised by referential expressions. Identified these expressions still aimed at to present an analysis proposal for the evaluative content of these tends in view the influence of the writer positioning observation for the text sense construction. We considered the referential expressions object-of-speech just as the referring is conceived in the theory of the referenciation, as define it Apothéloz and Reichler-Beguelin (1995); Mondada and Dubois (2003); Marcuschi and Koch (1998). The second theory, regarding the metadiscourse, takes as principal theoretical presupposition the rhetorical notion elaborated by Hyland (1998). The elaboration of the methodology of the research felt by the classification of Cavalcante (2004 b and c) for the referential expressions; the classification of Hyland(1998, 2005) for the metadiscurso. As base for the analysis of the content axiológico of the referencial expressions with metadiscourse function, we used some categories of the Critical Discourse Analysis.

INTRODUÇÃO

As diferentes formas de observação dos fenômenos discursivos têm se subordinado às mais diferentes teorias lingüísticas. Estas, na tentativa de fornecer instrumentos de análise mais completos, não se têm negado a estabelecer vínculos com outras disciplinas para que o estudo da linguagem ofereça respostas mais satisfatórias aos seus usuários e estudiosos.

Neste sentido, o trabalho que aqui se propõe assume pressupostos da Lingüística Textual, da Lingüística Aplicada e da Análise do Discurso francesa e anglo-saxã e tenta, através destas disciplinas, observar o caráter metadiscursivo das expressões referenciais, além de estabelecer uma proposta de análise do conteúdo axiológico veiculado por estas expressões.

Para a realização destes objetivos, partiu-se da compreensão de que os processos referenciais anafóricos e dêiticos possuem um caráter metadiscursivo, que, via de regra, revela posicionamentos construídos discursivamente. Considerou-se, ainda, ser possível relacionar tais processos referenciais a diferentes níveis de metadiscursividade, pressupondo variadas funções discursivas que estes desempenham nos gêneros artigo de opinião e artigo de pesquisa. A partir desta observação, admitiu-se que as funções metadiscursivas dos processos referenciais variam conforme os propósitos comunicativos gerais presentes nestes gêneros, mas que também podem ser selecionadas em função dos propósitos do enunciador em cada contexto discursivo particular.

No que diz respeito a esta segunda abordagem, em que os traços metaenunciativos são considerados, direcionou-se a análise para a observação do modo como o autor se coloca no texto, manifestando seu posicionamento a partir de expressões que denotam conteúdos avaliativos. Para tanto, utilizou-se pressupostos da Análise Crítica do Discurso no intuito de descrever quais implicações sócio-históricas existem no dizer deste autor e de que forma estas implicações auxiliam na construção de sentido de um texto para o co-enunciador.

Por processos referenciais entende-se a (re)construção, dinâmica e instável por natureza, de entidades concebidas como objetos-de-discurso. Nesta perspectiva, os significados das palavras resultam de negociações entre o falante/escritor e o ouvinte/leitor. Esta postura é assumida por um grupo de estudiosos que admite a

interação como ponto de partida para a construção dos sentidos de um texto. Nos estudos sobre referenciação, por exemplo, Mondada e Dubois (2003) consideram que a visão extensional da relação entre as palavras e as coisas não deve ser privilegiada em detrimento da construção intersubjetiva e social dos referentes, na medida em que as versões do mundo são publicamente elaboradas e nem mesmo os objetos do mundo extralingüístico são categorizados de forma idêntica pelos sistemas cognitivos humanos. À explanação do conceito de referenciação e dos processos referenciais, seguidos de uma proposta classificatória, sob a qual eles foram observados no trabalho, dedicou-se o primeiro capítulo.

Considerando-se que a metadiscursividade é um fenômeno recorrente nos processos referenciais e que se constitui a partir de estratégias que marcam o posicionamento e o engajamento do escritor no texto, levou-se em conta, nesta pesquisa, também os aspectos funcionais das expressões referenciais. Este procedimento favoreceu a análise da forma como tais processos atuam no texto, reformulando, avaliando ou marcando o conteúdo proposto. A conceituação de metadiscurso e das categorias relacionadas a ele estão dispostas no capítulo segundo. Para esta análise do caráter funcional, adotou-se a concepção de metadiscurso descrita por Hyland (1998, 2005); Para a observação do metadiscurso enquanto processo metaenunciativo utilizaram-se teorias como a Análise do Discurso e a Análise Crítica do Discurso. A discussão dessas teorias, bem como a explicitação de como foram utilizadas na análise do caráter axiológico das expressões estudadas estão no capítulo terceiro.

Estabeleceu-se, desse modo, uma divisão da abordagem do metadiscurso, considerando as perspectivas sob as quais se quis focá-lo: a funcional, quando esta serve aos propósitos de organização textual; e a enunciativa, quando ela indica a intromissão do enunciador no enunciado.

Identificados tais traços nos processos referenciais, usou-se o termo Expressões Referenciais Metadiscursivas (ERM). Nesta nomenclatura, incluem-se os processos considerados na pesquisa, a saber, os anafóricos e os dêiticos, além das subfunções metadiscursivas.

No que se refere ao âmbito da escrita, mais precisamente, considerou-se que a interação entre escritor e leitor constitui um elo fundamental para a compreensão do sentido que se atrela discursivamente a tais referentes. É neste aspecto que a abordagem

retórica¹, tanto quanto a sociocognitivo-interacionista², do metadiscorso, serve ao propósito desta pesquisa. Ao serem considerados tais aspectos, partiu-se da classificação das expressões referenciais, proposta por Cavalcante (2003c) e da classificação para o metadiscorso proposta por Hyland (1998). As duas classificações serviram para que um esquema das expressões fosse montado, possibilitando, assim, sua visualização. A pronta percepção das expressões permitiu a organização de uma metodologia, baseada na Análise Crítica do Discurso, que favoreceu uma interpretação³ textual/discursiva das expressões identificadas nos textos.

Identificadas as ERM no artigo de opinião e no artigo de pesquisa, procedeu-se à observação da atribuição do tipo de expressão referencial seguido da identificação da função metadiscursiva presente nela. A partir do reconhecimento destes itens e dos caracteres eminentemente axiológicos que transportassem, interpretou-se a expressão, considerando o contexto social em que foi produzida e qual influência isto ocasionou na elaboração de sentido do texto em que foram observadas.

Nas considerações finais, apresentou-se as conclusões a que o trabalho conduziu e apontaram-se alguns aspectos para darem continuidade à pesquisa.

Em linhas gerais, o metadiscorso, segundo a perspectiva retórica, pode ser entendido como um nível secundário do discurso que se sobrepõe ao nível primário acrescentando a este, geralmente sob forma de comentário, alguma informação extra ou ainda reformulando o seu conteúdo. Hyland (2005) acrescenta a esta definição aspectos relacionados ao modo como o escritor, através do metadiscorso, organiza seu texto para mostrar ao leitor o posicionamento que mantém diante do que escreveu. Esta estratégia convoca uma série de recursos que imprimem ao texto aspectos ideológicos, culturais e

¹ A perspectiva retórica à qual Hyland submete a noção de metadiscorso concerne ao conjunto de traços multidisciplinares que possibilitam a investigação do fenômeno. Retórica, neste contexto, diz respeito ao conjunto de traços sócio-culturais que transparecem nos diferentes discursos.

² A abordagem sociocognitivo-interacionista do metadiscorso é adotada por Koch (2005) e considera aspectos da lingüística da enunciação para a apreciação do fenômeno, estabelecendo uma correlação entre o termo metadiscorso e metalingüística.

³ Optou-se aqui pelo termo interpretação dado a reconhecida dificuldade em se excluir da observação dos dados, os caracteres subjetivos. Em contraposição ao termo “análise” que parece exigir uma abordagem mais factual, utilizou-se ainda o termo “interpretação” por se objetivar verificar perspectivas axiológicas, que concernem sempre a um posicionamento, ou seja, dizem respeito a opiniões.

sociais que se manifestam e são percebidos a partir da inserção do escritor em determinada comunidade discursiva⁴.

No início de seus estudos sobre metadiscorso, Hyland (1999) elabora uma classificação que se assenta em dois níveis de atuação: um nível textual e um nível interpessoal. Estes níveis sinalizam, através de expressões e de suas respectivas funções, o posicionamento, a organização e a interação do escritor com o leitor. Esta classificação apresenta algumas formas e marcadores cujas funções coincidem, segundo o que se verificou nesta pesquisa, com funções das expressões referenciais.

É no âmbito da lingüística textual, sobretudo nos estudos de Jubran (2005), que primeiro se entrevê a possível relação entre referenciação e metadiscursividade. No entanto, há de se perceber as diferenças entre a noção de metadiscorso utilizada por Hyland e a utilizada por Jubran: dentro de uma abordagem sociocognitiva-interacionista em que os sentidos das palavras são construídos também discursivamente, o metadiscorso concebido pela Lingüística Textual é abordado sob o aspecto da marcação da instância da enunciação na materialidade textual. A aproximação entre metadiscorso e referenciação se dá sob o aspecto das formas nas quais estas instaurações surgem nos textos, identificando estruturações tópicas, instâncias co-produtoras do texto, papéis discursivos desempenhados pelos interlocutores, dentre outras funções. Nesta mesma perspectiva, Koch (2005) estabelece uma noção de metadiscorso como um recurso “metalingüístico”, que remete a instâncias da enunciação, são os casos em que se retomam proposições através de expressões como *esta afirmação*, *esta consideração*, *esta discussão*.

O que, no entanto, parece constituir uma lacuna em trabalhos dessa ordem é a falta de uma visão do metadiscorso que atente para características como o potencial organizador de conteúdos multidisciplinares, tendo em vista o engajamento do escritor/co-enunciador com a audiência. Nesta pesquisa, objetivou-se considerar tais aspectos para propor uma interpretação de expressões referenciais metadiscursivas que abrigue noções como posicionamento e engajamento (HYLAND, 2005), visando alcançar significações de conteúdos axiológicos contidos nas retomadas.

⁴ Para Swales(1990), as comunidades discursivas podem ser determinadas por um conjunto de traços dos quais se sobressaem, entre outros, os objetivos públicos comuns, a existência de mecanismos de intercomunicação entre os membros e um léxico específico. Esta acepção de Swales é a admitida por Hyland em seus trabalhos.

As pesquisas sobre metadiscorso realizadas por Crismore (1989), Hyland (1998) e outros têm se concentrado nos textos acadêmicos, buscando analisar, sobretudo, o engajamento entre o autor e sua audiência, e as implicações dessa relação. Para tanto, estes autores elaboraram taxonomias que objetivavam distribuir as funções metadiscursivas segundo critérios formais. Hyland (1998), por exemplo, relaciona os conectivos lógicos e os marcadores endofóricos, evidenciais e reformulativos ao metadiscorso textual, e as formas modalizadoras e enfáticas e os marcadores de atitude, de relação, e de pessoa, ao metadiscorso interpessoal. Este quadro, montado por Hyland, atende ao propósito da investigação do metadiscorso enquanto dispositivo de compreensão textual.

No que concerne ao âmbito da referenciação, pode-se perceber que as diferentes formas de designar os referentes, ou objetos-de-discorso (cf. Mondada e Dubois, 2003), contribuem, no texto, para a construção dos significados e da referência, o que é sempre negociado mediante um processo intersubjetivo, decorrente de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas. Tais mecanismos funcionam textualmente como estratégias de progressão, ou seja, fazem progredir os sentidos e a referência, colaborando, assim, para a unidade de coerência. Por causa desta função, salienta-se, aqui, o potencial metadiscursivo de expressões referenciais, na medida em que estas veiculam conteúdos avaliativos facilmente verificáveis ao retomarem, recategorizarem ou encapsularem informações proposicionais ou discursivas.

Ao se verificar esta propriedade das expressões referenciais, procurou-se estabelecer uma forma de acessar estes conteúdos e a abordagem retórica de metadiscorso apresentada por Hyland, ao sugerir elementos de classificação e de interpretação considerados a partir da noção das comunidades discursivas e de como a consciência dos padrões retóricos presentes nestas comunidades ajuda o escritor a estabelecer uma relação com o leitor, possibilitaria uma construção de sentido do texto mais próxima da pretendida. Para Hyland (1999), o metadiscorso, ao sinalizar para a forma de organização de um texto, auxilia na compreensão da maneira como os autores argumentam e como constroem essas relações com seus leitores e é justamente a possibilidade de reconhecimento desta estratégia textual que favorece a tomada de um posicionamento perante o conteúdo, seja ele de adesão ou de contraposição.

Os estudos realizados sobre metadiscorso na perspectiva retórica têm se dedicado, em sua grande maioria, à análise de artigos acadêmicos ou científicos. Os resultados destas pesquisas, bem como a metodologia desenvolvida em seu âmbito,

serviu de motivo para considerar este gênero como um dos alvos de análise neste trabalho. Outro aspecto considerado foi a percepção de que a argumentação/persuasão contida nas expressões referenciais metadiscursivas empregadas por autores da comunidade acadêmica da área de Linguística mostram estes processos sob um prisma ainda pouco estudado. A escolha do outro gênero discursivo, o artigo de opinião, como ambiente de verificação de ocorrência do fenômeno, foi importante para que se pudesse avaliar aspectos relacionados às posturas enunciativas em um gênero cujo propósito é justamente o de evidenciar o posicionamento do enunciador.

1. REFERENCIAÇÃO

Koch (2006) ressalta que a referenciação é uma atividade discursiva em que a linguagem e a língua são concebidas de uma forma não-referencial. Isto significa interpor a percepção do sujeito entre a realidade e as suas formas de representação lingüísticas. São, portanto, as capacidades, perceptuais e motoras, que possibilitam aos indivíduos apreender os objetos do mundo conforme uma noção preliminar das categorias em que tais objetos ocorrem. Isto significa atribuir a este processo um caráter eminentemente cognitivo, o que remete ao fato de que o significado que se constrói de um objeto do mundo se faz mediante uma série de processos experienciais.

A passagem da língua ao discurso, ou seja, a transformação dos referentes em objetos-de-discurso, exige daquele que enuncia o uso de conhecimentos socialmente compartilhados e situados em contingências históricas, daí, na teoria da referenciação, os referentes, no discurso, apresentarem um caráter de instabilidade semântica.

Assim apresentada a referenciação, assumimos com Koch o fato de que:

(...) a língua não existe fora dos sujeitos sociais e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes quer de ordem lingüística, quer de ordem socio-cognitiva, ou seja, seus modelos de mundo. Estes, todavia, não são estáticos, (re)constroem-se tanto sincrônica como diacronicamente, dentro das diversas cenas enunciativas, de modo que, no momento em que se passa da língua ao discurso, torna-se necessário invocar conhecimentos socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos - , situar-se dentro das contingências históricas, para que se possa proceder aos encadeamentos discursivos. (KOCH, 2006, p. 56-57).

1.1. Referência e referenciação

O ato de referenciar visa, segundo Charolles (2002), a estabelecer um acordo entre dois modos de pensar acerca de alguma coisa. Este ato é intencional, na medida em que o locutor utiliza a expressão que manifesta sua vontade de aludir a uma entidade determinada. Para isso, ele projeta sua atitude na linguagem para inserir no discurso

uma entidade exterior a ela e ao pensamento. É ainda comunicacional ou interacional, pois ele (locutor) pretende persuadir seu auditório a formar um acordo sobre esta entidade, ou sobre a designação que ele propõe para ela.

Esta noção de referente assemelha-se, pois, à defendida por Mondada e Dubois (2003, p. 20) de que os sujeitos constroem, através de práticas discursivas e cognitivas, social e culturalmente situadas, versões públicas do mundo. Esta visão engendra as categorias do discurso como entidades variáveis, instáveis, que se transformam a partir do contexto.

Mondada e Dubois (2003) defendem ainda que as categorias e os objetos-de-discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva “observável através de operações cognitivas” ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não verbais, nas negociações dentro da interação (MONDADA e DUBOIS, 2003, p. 20). Como assinala Koch (1998), referir, aqui, não é mais sinônimo de "etiquetar" um mundo existente, mas trata-se de uma atividade discursiva em que os *referentes* se transformam em *objetos-de-discurso*. Nesse processo, há de se ressaltar que a linguagem, ou os referentes nela envolvidos, resulta da interação entre indivíduos.

A partir deste paradigma cognitivista, assumido nos estudos sobre referenciação, o conceito de referência é reformulado, e o foco dos estudos sobre a construção do sentido dos referentes é deslocado de uma perspectiva extensionista para uma perspectiva discursiva. Os referentes são, agora, objetos-de-discurso, cujo sentido se apreende através de sua aproximação de outras entidades.

Nessa perspectiva, as retomadas anafóricas e dêiticas, enquanto processos analisados a partir da concepção de referenciação, tal como a explicitam Apothéloz e Reichler-Beguelin (1995); Mondada e Dubois (2003); Marcuschi e Koch (1998), constituem objetos-de-discurso, e os significados a elas anexados são elaborados pelos sujeitos em um processo dinâmico e intersubjetivo que ancora em práticas discursivas e cognitivas situadas social e culturalmente.

Em consonância com esse posicionamento, Cavalcante (2004b) atribui o significado de uma palavra ao processo pelo qual se dá a incorporação do sentido no item lexical. Os referentes, nessa abordagem, assim como os significados, devem ser considerados a partir das práticas sócio-comunicativas, não sendo confundidos, entretanto, com os objetos próprios que representam.

Essa nova perspectiva discursiva de construção de sentido para o referente implicou em uma certa dificuldade na identificação da natureza dos fenômenos

referenciais na mediada em que, antes desta proposta, o que era considerado a partir de remissões cotextuais, agora é observado a partir de fatores que envolvem fenômenos de natureza sócio-cognitiva, ou seja, extralingüísticas, na elaboração das retomadas.

Considerando, ainda, que a referenciação é uma atividade discursiva, mostrar-se-á, a seguir, traços deste fenômeno a partir da citada visão sócio-cognitivista da linguagem em que a negociação entre co-enunciador, autor/falante e leitor/ouvinte é o fator primordial para a construção de sentido de um texto. A interlocução e a interação, nessa perspectiva, são fatores que possibilitam aos sujeitos fixar e atribuir significados às palavras. É assim que, nos estudos sobre referenciação, o discurso é o âmbito a partir do qual os antecedentes discursivos devem ser considerados e não o que representam no mundo ou na realidade extralingüística.

Por considerar os aspectos enunciativos muito valiosos para este estudo, pois este se preocupa em estabelecer uma análise dos traços relacionados aos posicionamentos assumidos pelo enunciador nos textos estudados, optou-se por uma classificação dos processos referenciais que observasse os objetos-de-discurso também enquanto resultado de uma relação entre enunciador e co-enunciador. Para tanto, a enunciação apresenta-se como ambiente em que os produtos desta relação servem de via de acesso aos significados que se sobrepõem no texto. Esta é uma das justificativas que sustentam a opção pela proposta classificatória dos processos referenciais de Cavalcante (2004b e 2004c), na medida em que esta, seguindo Apothéloz e Doehler (2003), subordina a sua classificação aos mecanismos de atenção e de interação como promotores da referência.

1.2 Definindo expressões referenciais.

Outra definição de expressões referenciais que serve bem ao propósito desta pesquisa, que é o de descrever e analisar expressões referenciais metadiscursivas, é a de que as nomeações constituem formas de designação de referentes, as quais se diferenciam pelo modo como indicam ao “co-enunciador” a maneira como o enunciador pretende que o referente seja interpretado (CAVALCANTE, 2006). Ao indicar essa possibilidade de interpretação, o enunciador/escritor se volta para porções anteriores do discurso estabelecendo um caráter metadiscursivo para esta designação. Esta definição possibilita que se visualize mais facilmente a aproximação destes fenômenos.

Outro fator importante na abordagem de Cavalcante (2004b) dos processos referenciais, que a distingue das demais e a torna satisfatória e adequada para a nossa pesquisa, é o fato de a autora admitir, assim como outros autores (ver Lyons, 1977), uma ligação estreita entre a dêixis e a anáfora (CAVALCANTE, 2005). A dêixis, nesta perspectiva, chega a ser descrita pela autora como processo localizado em um contínuo entre introdução referencial e anáfora:

Entendemos que, para um processo referencial ser considerado dêitico, ele precisa fazer apelo ao ponto de origem em que se situa o falante, ou o co-enunciador. Assim sendo, se elegermos como critério primário a retomada de referentes no discurso, poderemos aceitar que a dêixis pode cruzar o caminho da anáfora e da introdução referencial, não as excluindo, mas inserindo nessa interseção uma soma de subjetividades.

(CAVALCANTE, 2005, p. 126).

Ao se estabelecer esta proximidade, entende-se que não somente a dêixis sinaliza a localização do enunciador, mas também as anáforas quando apresentam traços dêiticos. Esta característica possui ainda, ao nosso ver, um traço metadiscursivo, na medida em que estabelece uma estratégia enunciativa em que organiza a mensagem e esta organização, por si, já pode constituir um posicionamento e pressupor uma interação entre autor/enunciador e leitor/co-enunciador. Observe-se que, neste exemplo da autora:

(1) Epigrama nº 8

Encostei-me a ti, sabendo bem que eras somente onda.

Sabendo bem que eras nuvem depus a minha vida em ti.

Como sabia bem *tudo isso*, e dei-me ao teu destino frágil,

Fiquei sem poder chorar, quando caí.

(Cecília Meireles in Cavalcante, 2005).

Tudo isso é uma anáfora com dêitico que encapsula as proposições “sabendo bem que eras somente onda; sabendo bem que eras nuvem”. Esta retomada funciona como uma forma de organizar o discurso de modo a apresentá-lo ao co-enunciador sob determinado posicionamento.

De fato, a classificação proposta em Cavalcante (2004c) para os processos referenciais admite uma interinfluência entre os fenômenos da dêixis e da anáfora, reconhecível, sobretudo, mediante a configuração de um dêitico textual. Nesse sentido, haverá dêitico textual, postula Cavalcante (2004c), sempre que um anafórico tenha

marcação dêitica e desempenhe o procedimento dêitico de dirigir a atenção do destinatário, ou para o referente já introduzido, ao qual pode se ligar por correferencialidade, ou para os encapsulamentos de uma porção cotextual. Observem-se os seguintes exemplos retirados de Cavalcante (2004c, p.7):

(2) “O americano Ray Charles pertenceu a uma categoria rara de artistas: a dos legítimos inventores. (...) Esse artista único morreu na quinta-feira passada, 10 de junho, por causa de problemas no fígado.”

(3) “O tratamento do diabetes passa por uma grande transformação. Da alçada da endocrinologia, a doença será de agora em diante considerada também uma especialidade da cardiologia. *Essa ampliação* é decorrente da estreita relação entre o diabetes e os distúrbios cardiovasculares”. (reportagem-Veja, 16/06/2004).

No exemplo (1), a expressão em destaque, além de dirigir a atenção do destinatário tanto para um referente já introduzido no cotexto (Ray Charles), também o retoma através de uma recategorização; no exemplo (2), o termo *essa ampliação* encapsula toda a porção textual anterior a ele, redefinindo-a. A diferença deste encapsulamento para o tipo designado como somente *anáfora encapsuladora* é que, neste caso, há também o demonstrativo dêitico.

Cavalcante (2004b) parte do princípio de que nem toda expressão referencial é anafórica ou dêitica. A autora divide, em um primeiro momento, os processos referenciais em dois grandes blocos: (1) os que introduzem novos referentes no “universo do discurso” e os que realizam a continuidade referencial de objetos presentes no universo discursivo (CAVALCANTE, 2004b, p.2). A partir desta divisão, a autora apresenta uma classificação para os dêíticos e para as anáforas que se descreve a seguir.

1.3 Classificando as expressões referenciais.

A primeira classe de processos apresentada é a de introduções referenciais puras, ditas sem continuidade. Para Cavalcante (2004b), a introdução de referentes instaura-se quando um objeto surge no discurso sem que os elementos prévios a ele tenham sido convocados. Observe-se o exemplo da autora:

(4) “Se um homem bate na mesa e grita, está impondo controle. Se uma mulher faz o mesmo, está perdendo o controle”. (Piadas da Internet) (CAVALCANTE, 2004b, p. 3).

Os termos “homem” e “na mesa” não se caracterizam como anafóricos nem dêiticos, pois não preenchem as condições mínimas para possuírem este estatuto, por não darem continuidade a uma referência já construída antes, nem situarem a enunciação a partir de um posicionamento espacial ou de uma noção de tempo do enunciador.

1.3.1 A referenciação dêítica

O termo dêixis designa, no âmbito da lingüística ocidental moderna, o fenômeno que assinala os elementos lingüísticos concorrentes para situar o enunciado a partir do ponto zero (*origo*) do enunciador; engloba os signos temporais, espaciais e pessoais na classe dos dêiticos e funciona como um sistema de coordenadas que situa o enunciador e os sujeitos da enunciação. Esta noção vem sendo desdobrada de forma a caracterizar o fenômeno sob perspectivas diferentes.

Bühler ([1934] 2003) introduz na literatura as primeiras concepções de dêixis, admitindo um *campo dêítico* da linguagem cujo ponto zero – a *origo* – é fixado pela pessoa que fala, situando, assim, a instância da enunciação quanto às categorias de espaço, tempo e pessoa. Estas categorias conhecidas como o *eu-aqui-agora* fornecem a orientação espacial que se realiza a partir de percepções visuais e auditivas que constituem o campo simbólico em que se dá a nomeação das palavras.

Nessa percepção, os espaços vazios são preenchidos segundo as condições de elocução, variando a referência. As coordenadas como *eu, você, aqui, hoje, isto* assumem valor de significado segundo a perspectiva do falante. A essa característica, Bühler ([1934] 2003) chama “frouxidão com indeterminação lógica”. Lahud (1979) ressalta que, embora apresentem tal característica, os dêiticos possuem relações com seus referentes, que apresentam um significado gramatical estável, por serem socialmente convencionados, mas uma referência variável.

Benveniste (1988) ressalta a centralidade do sujeito da enunciação no sistema de coordenadas que o localiza no discurso. Isto conferiria à dêixis uma característica subjetiva. Lyons (1982) já afirmava que, nessa perspectiva de centralidade do sujeito, na realidade, subjetividade e intersubjetividade aparecem como noções com implicações conceituais igualitárias ou equivalentes, pois, o falante, o discurso e o contexto de produção são privilegiados igualmente, o falante não é tido como centro da enunciação.

Abaixo, pode-se apreciar duas características resumitivas dos dêiticos arroladas por Ciulla (2002), com base na observação desses teóricos:

- apresentam uma condição de subjetividade manifestada através do estabelecimento de um vínculo entre os participantes do discurso e a situação enunciativa;
- são indicadores de ostensão, que limitam o objeto referido no espaço e no tempo de acordo com o posicionamento do sujeito enunciador no momento do ato enunciativo. (CIULLA, 2002, p.29).

A partir desta consideração, de que os dêiticos possibilitam a localização da instância enunciativa no discurso, construída também sob perspectivas intersubjetivas – já que estabelecem relações entre os sujeitos participantes do ato comunicativo a partir de usos que fazem da língua e da manifestação dos aspectos culturais –, considerou-se que o fenômeno da dêixis admite uma característica metadiscursiva conforme a noção que se pretende aqui construir, reconhecendo aproximações entre a noção retórica encontrada em Hyland (1998a) e a sociocognitivo-interacionista da linguagem presente em Koch (2005) e na qual se insere a referenciação.

Para tanto, é necessário que se observem as diferentes formas de como o fenômeno da dêixis evidencia o traço de ostensão e de como remete ao sujeito do discurso, o que pode ser verificado através da descrição dos tipos de manifestação.

Um ângulo de observação do fenômeno da dêixis que aproxima os estudos de referenciação dos processos metadiscursivos observados, segundo o propósito desta pesquisa, é o que o considera a importância da linguagem para a constituição do sujeito, e a importância dos sujeitos para a construção de suas práticas discursivas. Aqui, a noção de pessoa é transferida para o estatuto da noção de dêixis. Segundo essa perspectiva, postulada por Benveniste (1988), o enunciador se instaura no discurso como um eu que pressupõe um tu, estabelecendo o princípio da comunicação intersubjetiva. A perspectiva adotada por Koch (2005) observa nesse mecanismo um caráter metadiscursivo das expressões referenciais por instaurar no texto uma marca de enunciação que permite ao leitor localizar ou identificar o produtor e resgatar algum tipo de informação anterior na memória discursiva.

Fillmore ([1971] 1997) classifica os termos dêiticos subdividindo-os em pessoais, temporais, espaciais e discursivos (textuais). Cavalcante (2004c), com base em

outros estudiosos, como Apothéloz (1995), acrescenta a estes os dêiticos memoriais. Os quatro primeiros tipos introduzem referentes no discurso, enquanto os dêiticos de memória instauram entidades discursivas no texto que auxiliam o co-enunciador na construção do referente.

As descrições seguintes, da referenciação dêitica, são baseadas na proposta classificatória de Cavalcante (2004b).

De acordo com essa proposta, os dêiticos pessoais têm a característica de apontar para os próprios interlocutores da situação comunicativa; são representados principalmente pelos pronomes *eu*, *tu* e *você*. Observe-se que, no exemplo,

(5) “Você estava presente quando esta foto foi tirada?”

(CAVALCANTE, 2004b, p.4)

o pronome *você*, no exemplo (5) determina o interlocutor (você) e a localização do objeto *esta caneta* em relação ao enunciador *eu*.

Os dêiticos temporais pressupõem o tempo do ato comunicativo ou o tempo de envio da mensagem; manifestam-se segundo a orientação do falante através de palavras ou expressões que denotam a passagem do tempo.

(6) “Apresentada na última sexta-feira pela polícia como uma das autoras do assassinato de seus pais, ocorrido no mês passado, em São Paulo, Suzane Richthofen, de 19 anos, tem muito a ensinar sobre a atual geração de jovens de classe média” (artigo de opinião-Folha de São Paulo)(CAVALCANTE, 2004b, p. 4).

No exemplo (6), a interpretação dos referentes sublinhados é possível através da recuperação da data de ocorrência dos fatos e da publicação do texto.

Os dêiticos espaciais identificam o lugar em que está o enunciador, estabelecendo um indício de localização do objeto segundo a perspectiva das pessoas envolvidas no ato enunciativo. Podem, no entanto, ocorrer independente dessa condição:

(7) “De caipira de chapéu de palha e roupinha bem puída, um caboclo velho mija placidamente na estrada de terra que dá acesso àquela baita fazendona. Depois, enquanto chacoalha o bilau enrugado, comenta, bem calmo:
- Ah!... Nada como mijar naquilo

que é da gente...Um camarada que ia passando escuta o comentário e estranha:

- Ué ! Mas essa fazenda é do senhor?
- Não! A botina!...

(Piadas da Internet) (CAVALCANTE, 2004b, p.4).

De acordo com a análise de Cavalcante (2004b), “essa fazenda” e “a botina” apontam para o espaço real dos personagens, e a referência a estes objetos permite ao interlocutor inferir que tais objetos se encontram próximos aos enunciadores.

A noção da dêixis de memória já se esboçava em Bühler ([1934] 2003), mas um dos primeiros a adotá-la na literatura foi Apothéloz (1995), como termo que mostra no discurso informações familiares ao leitor; que sinaliza o acesso do referente à memória comum aos interlocutores, possibilitando ao destinatário resgatar a informação necessária ao sentido do texto.

(8) “*Tudo começou quando eu tinha uns 14 anos e um amigo chegou com aquele papo de ‘experimenta, depois, quando você quiser, é só parar...’ e eu fui na dele. Primeiro ele me ofereceu coisa leve, disse que era de ‘raiz’, ‘da terra’, que não fazia mal, e me deu um inofensivo disco do ‘Chitãozinho e Xororó’ e em seguida um do ‘Leandro e Leonardo’.*” (crônica *Drogas do submundo* – autor desconhecido) (CAVALCANTE, 2004b, p.5).

A expressão *aquele papo de experimenta...* é assumida como estereótipo do convite ao mundo das drogas e, como tal, deve ser conhecida pelo destinatário.

Observadas as características de todos esses processos dêiticos, reitera-se a idéia de que a análise das expressões referenciais requer a concepção de linguagem como situada em um contexto. No que se refere à classificação aqui adotada, aventou-se a hipótese de que a consideração de elementos como os aspectos cognitivos, sócio-culturais, pragmáticos e avaliativos na descrição desses processos relacionados a um conteúdo proposicional anterior, manifestado sob formas de captura de elementos difusos ou identificados no co(n)texto, pode levar a caracterizá-los como metadiscursivos.

1.3.2 A referenciação anafórica

O termo anáfora designa, segundo Marcuschi (2005), expressões que se reportam textualmente a outras expressões, enunciados, conteúdos ou contextos textuais. Este fenômeno, como o têm assinalado Marcuschi (2005) e Cavalcante (2005), ultrapassa os limites da frase, o que o caracteriza como um aspecto somente referencial,

uma vez que, como dizem Koch e Marcuschi (1998), há uma pluralidade de estratégias de designação anafórica.

No que se refere às continuidades referenciais, ou seja, às anáforas, Cavalcante propõe que estas estão subordinadas à existência de algum gatilho expresso no cotexto. No entanto, como adverte a autora, pode ser que a ligação se estabeleça apenas entre uma âncora e outro elemento contextual introduzido pela primeira vez no texto, como nas anáforas indiretas e encapsuladoras (CAVALCANTE, 2004b, p.4). Esta idéia é retomada em Cavalcante (2004c), em que a autora observa que os recursos referenciais que possuem qualquer âncora no cotexto também aparecem sob a designação de anáfora:

(...) “Não interessa se tal âncora é um antecedente correferencial, ou se é um outro referente distinto, ou se não constitui nem mesmo um referente, mas sim um conteúdo proposicional, como nos encapsulamentos. Também não importa que, além de exercer esse papel endofórico, certos recursos referenciais sejam simultaneamente dêiticos, cumprindo, assim, uma estratégia referencial híbrida: seriam, neste último caso, simplesmente anafóricos com dêiticos”. (CAVALCANTE, 2004c, p.6)

O critério para a classificação empregado por Cavalcante (2004b) organiza-se a partir do respeito aos seguintes aspectos: função referencial, parâmetros dos traços de significação e de denotação e, por último, os traços formais. A função referencial possibilita a distinção entre os fenômenos de co-significação e os fenômenos de recategorização lexical; os parâmetros dos traços de significação e de denotação relacionam a descrição referencial aos elos coesivos, às formas remissivas gramaticais livres e às formas remissivas lexicais.

A partir destes princípios e da observação da hierarquia entre função referencial, traços de significado e características formais, a classificação feita por Cavalcante (2004b) para as anáforas aparece ilustrada da seguinte forma:

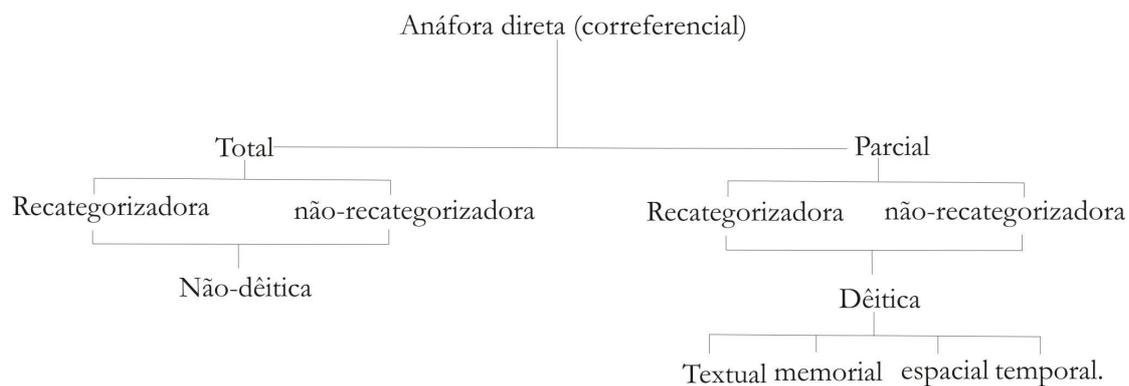


Figura 1 - Tipos de anáforas diretas (CAVALCANTE, 2004c)

De acordo com os critérios supracitados, a definição para os tipos de anáfora fica assim organizada, como se explicita nos itens seguintes.

- **Anáfora com retomada**

Estas anáforas são caracterizadas pelo fato de repetirem o antecedente, por isso constituem o caso mais prototípico de anáfora. Subdividem-se em:

- **Anáfora correferencial (total ou parcial).**

Estes são casos anafóricos restritos às repetições do sintagma anterior. Estas ocorrências se enunciam precedidas de um quantificador ou de um adjetivo. Observe-se a exemplificação deste caso, conforme a exposição de Cavalcante (2004b):

a) por um sintagma nominal

(9) “Bifes com molho de tomate

Ingredientes

¼ de xícara de óleo

1kg de bifes de vaca ou de vitela, cortados finos (...)

Modo de fazer

Numa frigideira de 25 ou 30cm de diâmetro, esquite o óleo em fogo forte e frite poucos bifes de cada vez, por 2 ou 3 minutos de cada lado ou até o ponto desejado.” (CAVALCANTE, 2004b, p. 12).

b) por indefinido ou por numeral

(10) * Estavam dois frangos voando. Aí um disse: - Peraí, frango não voa!
Um caiu no chão mas o outro continuou voando. Por quê?
 R: Porque era um frango a passarinho.” (Piadas da Internet)
 (CAVALCANTE, 2004b, p.12).

c) por adjetivo

(11) “Vereadores renunciam ao mandato

Após Lucílvio Girão (PL) renunciar ao mandato de vereador, na última quinta-feira, para assumir seu assento na Assembléia Legislativa, ontem foi a vez dos demais vereadores eleitos apresentarem suas cartas de demissão à Câmara Municipal de Fortaleza. O último a enviar o documento foi o Jaziel Pereira (PHS).” (notícia – jornal *Diário do Nordeste*)
 (CAVALCANTE, 2004b, p.12)

Ocorrem ainda quando duas expressões referenciais designam retro ou prospectivamente o mesmo referente, uma parte dele, em caso de menção a mais de uma entidade e de posterior retomada de apenas alguma(s) dela(s). As expressões correferenciais podem ainda surgir no enunciado como recategorizadoras ou não-recategorizadoras. Sua elaboração pode se dar por meio de:

• Anáfora correferencial não-recategorizadora

A autora considerava, até um dado momento das pesquisas, que haveria co-significação quando se empregavam repetições ou palavras sinônimas e que haveria recategorização lexical quando a expressão referencial fosse renomeada segundo o propósito comunicativo do enunciador. Salienta-se, porém, que os trabalhos mais recentes da autora não fazem mais oposição entre a noção meramente semântico-lexical de co-significação e recategorização. Hoje, as anáforas têm sido descritas como recategorizadoras ou não. Em geral, mas não sempre, quando não recategorizam, as anáforas ocorrem pela reiteração de termos. Observe-se que no exemplo abaixo o termo

“a pessoa amada” reitera uma idéia (e o referente) que vinha sendo construída anteriormente.

(12) “Carl Jung, um dos precursores da psicanálise, já defendia a idéia de que o casamento (ou qualquer relacionamento íntimo e constante) é o tipo de relação na qual mais rapidamente podemos enxergar nossos próprios defeitos. Ou seja, a convivência com a pessoa amada é uma relação tão íntima, tão profunda e tão reveladora que, aos poucos, esta pessoa passa a "apontar" - consciente ou inconscientemente - nossos piores defeitos, nossas maiores limitações. E, convenhamos: isso é realmente irritante! (...) Será que, na verdade, o que nos irrita não é o fato de descobrirmos em nós mesmos esta falta de compreensão, de humor, de disposição, paciência e colaboração? Será que as cobranças da pessoa amada não recaem exatamente sobre nossas limitações, nos mostrando o quanto precisamos melhorar em algum ponto que tentamos ignorar a vida inteira?” (gênero de “auto-ajuda” divulgado pela Internet).(CAVALCANTE, 2004b)

● **Anáfora correferencial recategorizadora**

Este tipo de anáfora realiza-se como expressões instituídas a partir de um aspecto particular de um todo pré-estabelecido no discurso. Observe-se no exemplo da autora:

(13) “ Paul McCartney.

O ex-beatle foi o artista que mais arrecadou dinheiro em shows em 2002. Seus espetáculos renderam 103 milhões de dólares” (Notas – Veja, 15/01/2003) (CAVALCANTE, 2004b, p. 9).

Esta retomada se dá a partir de atributos relacionados ao termo. No caso, *ex-beatle* destaca um ponto de vista sob o qual o enunciador recategoriza o referente.

A anáfora correferencial recategorizadora pode ocorrer, em termos formais, de duas maneiras, embora não necessariamente só desses dois modos:

a) por hiperônimo:

(14) “Não deixe acumular água em pratos de vasos de plantas e xaxins. Na hora de lavar o recipiente, passe um pano grosso ou bucha nas bordas para remover os ovos do mosquito que podem estar nas paredes ou no fundo do recipiente. Substitua a água dos vasos de plantas por areia grossa umedecida.” (campanha contra a dengue divulgada em panfleto) (CAVALCANTE, 2004b, p. 9).

Neste caso, *o recipiente* é uma expressão que assume uma etiquetagem sob a qual *vasos de plantas e xaxins* estão abrigados.

b) por expressão definida:

(15) “**SOBE**

CARLOS ALBERTO PARREIRA

* O treinador tetracampeão do mundo voltou ao comando da seleção brasileira”. (Notas - Veja, 15/01/03).(CAVALCANTE, 2004b, p. 9).

Neste caso, a expressão definida em destaque recategoriza aspectualizando um traço do antecedente.

c) por nome genérico

(16) “Dividimo-la em dois grupos de definições: num deles listamos as definições de cunho metafísico e psicológico; noutra, algumas de caráter mais lingüístico, em que se consideram os seguintes fatores: ênfase; escolha; características individuais (...).” (artigo científico – Revista de Letras, 1996). (CAVALCANTE, 2004b, p.10).

Aqui, *fatores* agrupa sob uma única designação os três elementos que se seguem ao termo, indicando ao leitor a categoria sob a qual os termos devem ser avaliados.

d) por pronome

(17) “Largo dos Leões – Então o Largo dos Leões é isso?... Essa porcaria!

- Mas você não queria tanto ver o Largo dos Leões? Aí está o Largo dos Leões.

- Não. Eu queria ver era o Laargo dos Le-õ-ões! Um que eu ouvi falar muito.

- Pois é este!

(...)

- Não é, papai! O Largo dos Leões então é isso?!...” (João Ternura, de Aníbal Machado). (CAVALCANTE, 2004b, p. 10).

Neste exemplo, pode-se perceber que o pronome ‘isso’ recategoriza, de alguma forma, a expressão *O Largo dos Leões*, agregando ao pronome uma carga avaliativa. Sobre essa operação híbrida de retomada, Cavalcante faz a seguinte observação, em que questiona a idéia de que os pronomes são itens gramaticais neutros:

“ Em primeiro lugar, não se trata de uma *forma remissiva lexical*, e sim, de uma *forma remissiva gramatical*. Todavia, a despeito de os pronomes não portarem conteúdo semântico suficiente para promover uma recategorização explícita, o demonstrativo neutro pode ser empregado com um valor pejorativo(...)”(CAVALCANTE, 2004b, p. 10).

Como é uma das preocupações deste trabalho analisar como essas tomadas de posicionamento se configuram no ato enunciativo, a afirmação acima, feita por Cavalcante (2003, p.4), constitui uma das justificativas para a escolha desta classificação. Ao admitir que uma das funções de retomadas como esta é marcar, de alguma forma, a localização da instância enunciativa, esta proposta também se coaduna com uma das hipóteses primeiras desta pesquisa, que é a de que expressões de valor axiológico exercem função metadiscursiva.

● **Anáfora indireta**

A anáfora indireta é definida por Cavalcante como as anáforas que se materializam lingüisticamente por meio de expressões nominais definidas ou por pronomes interpretados referencialmente. Nesse caso, a retomada não se vincula necessariamente a um antecedente ou a um termo subsequente explícito no texto. Segundo Marcuschi (2005), esta é uma estratégia endofórica de ativação de referentes. Através deste exemplo, o autor esclarece o conceito:

(18)Essa história começa com uma família que vai a uma ilha passar suas férias./.../ Quando amanheceu eles foram ver como estava *o barco*, para ir embora e perceberam que o barco não estava lá.

Não é difícil recuperar neste período uma introdução referencial para *o barco*. Embora esta introdução não tenha se materializado lingüisticamente, ela ancora cognitivamente, como ressalta Marcuschi (2005) na expressão nominal *uma ilha*. Sobre isso, Marcuschi diz ainda:

A AI (anáfora indireta) é um caso de referência textual, isto é, de construção, indução ou ativação de referentes no processo textual-discursivo que envolve atenção cognitiva conjunta dos interlocutores e processamento local.(MARCUSCHI, 2005, p. 54).

Para Koch (2006), a expressão anafórica também pode ter seu sentido recuperado a partir da ativação de uma memória discursiva:

a interpretação de uma expressão anafórica, nominal ou pronominal, consiste não em localizar um segmento lingüístico (“antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas em estabelecer uma relação com algum tipo de informação presente na memória discursiva. (KOCH, 2006, p.59).

A despeito da dificuldade em se definir e compreender a anáfora indireta, este é um recurso referencial de extrema importância para a construção de sentido de um texto, como o ressalta Fernandes (2005). A autora atenta ainda para a complexa questão da indefinição na nomenclatura, ressaltando que autores como Apothéloz (1995), Apothéloz e Reichler- Béguelin (1995), Koch e Marcuschi (1998), assumem que os referentes são identificados de forma indireta ou associativa. (FERNANDES, 2005, p.109).

Para Cavalcante (2004b), a anáfora indireta abriga a noção de uma introdução referencial desde que esta seja acessível ao co-enunciador e tenha seu sentido facilmente recuperado no contexto.

As anáforas indiretas se subdividem, segundo a proposta de Cavalcante (2004c) em:

- **Anáfora indireta com categorização de um novo referente.**

Agrupam-se, sob esta designação, as anáforas, as retomadas que aparecem no texto por meio de ligações inferenciais, muitas vezes meronímicas. Resulta deste processo uma expressão anafórica cuja aparência se aproxima da anáfora direta por apresentar características de uma entidade autônoma. Observe-se o exemplo:

(19) “Modo de preparar:

Coloque o amendoim em uma assadeira e leve ao forno médio por 30 minutos. Mexa sempre até que o amendoim esteja torrado e a pele saindo com facilidade.” (*Faça a festa com pé-de-moleque* – receita) (CAVALCANTE, 2004b, p.13).

No exemplo 19, o anafórico *a pele* é considerado no texto como entidade autônoma e, por esta razão, é interpretado como um referente novo. São estas anáforas que se constituem a partir da relação parte-todo.

• **Anáfora indireta com recategorização lexical implícita.**

Diz-se de anáforas indiretas com recategorização lexical implícita, uma retomada anafórica que opera uma recategorização cuja expressão no texto é verificada por uma lexicalização de uma informação subentendida no texto. Estes casos são observados mediante a reconstituição do percurso da anaforização que se realiza com a retomada de um elemento pressuposto no cotexto, mas não realizado, muitas vezes sob uma concordância ideológica. O termo, emprestado de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), designa as ocorrências conhecidas por *silepse*.

(20) “A *equipe médica* continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo *eles*, o paciente não corre risco de vida. [MARCUSCHI, 1998]” (CAVALCANTE, 2004b, p. 15)

A recategorização lexical, no exemplo 20, ocorre da seguinte forma: “a equipe médica” foi recategorizada como *os médicos*, só que esta operação não foi registrada no discurso, permanecendo implícita, mas servindo de base para que a próxima retomada, *eles*, empreendesse uma concordância com o termo não materializado lingüisticamente.

• **Anáfora indireta com recategorização lexical**

As anáforas indiretas deste caso são categorizadas meronimicamente por lexicalizações que veiculam e acrescentam alguma informação ao referente operando, assim, uma recategorização.

(21) “Qualquer que seja a chuva desses campos
devemos esperar pelos estios;
e ao chegar os serões e os fiéis enganos
amar os sonhos que restarem frios.

Porém se não surgir o que sonhamos
 e os ninhos imortais forem vazios,
 há de haver pelo menos por ali
 os pássaros que nós idealizamos.
 Feliz de quem com cânticos se esconde
 e julga tê-los em seus próprios bicos,
 e ao bico alheio em cânticos responde.
 E vendo em torno as mais terríveis cenas,
 possa mirar-se as asas depenadas
 e contentar-se com as secretas penas.
 (poema - Jorge de Lima) (CAVALCANTE, 2004b)

No exemplo (21), *pássaros que nós idealizamos* é uma expressão que se permite ser recategorizada por anáforas indiretas como *seus próprios bicos*, *ao bico alheio*, *cânticos*, assim como favorece a introdução de *asas* e *penas*, por meio de um processo meronímico. Os termos *asas* e *penas* são, no entanto, recategorizados como *asas depenadas* e *secretas penas*, o que confere a tais expressões um significado poético mais apurado.

• Anáforas encapsuladoras

Nos estudos sobre referenciação, o encapsulamento é um processo em que proposições do discurso, porções textuais são resumidas em uma expressão referencial. Este fenômeno ocorre por meio de um sintagma nominal ou de um pronome.

Este processo de rotulação constitui uma estratégia que implica em uma forma de persuasão, na medida em que, ao atrelar um valor axiológico à expressão resumidora, o enunciador intenta indicar ao co-enunciador seu posicionamento.

(22) “Bestiário Tucanês. Últimas semanas. Continua ainda o meu dicionário tucano, o famoso Bestiário Tucanês! É que eu não posso acabar com o tucanês sem antes divulgar a própria definição de tucanar: “formular declarações fazendo com que o sentido das mesmas se torne inócuo, utilizando recursos dialéticos que vão do barroco mineiro ao rococó francês.” (crônica de José Simão – jornal *O Povo*). (CAVALCANTE, 2004b, p.17)

No exemplo (22), as formas anafóricas encapsulam conteúdos inespecíficos ou até mesmo não mencionados na porção textual anterior. Por esta razão se aproximam das anáforas indiretas, mas, por recuperarem algum elemento do co(n)texto, também possuem características de anáforas diretas.

Cavalcante (2004b) encerra a proposta classificatória incluindo entre as anáforas encapsuladoras os dêiticos discursivos.

• **Anáfora encapsuladora com dêitico**

A descrição da autora para os dêiticos discursivos explicita que eles são elementos que apresentam simultaneamente três características:

(a) o encapsulamento, pelo qual o conteúdo resumido ganha estatuto de referente e é categorizado ou como pró-forma ou como rótulo; (b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores, por causa da presença de um dêitico; (c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação, também devido ao dêitico. (CAVALCANTE, 2004b, p. 18)

Apesar de admitir essa unificação, a autora reconhece haver um elemento intrigante entre as anáforas encapsuladoras e os dêiticos discursivos representado pelo acréscimo de um elemento dêitico. Por essa razão, os dêiticos discursivos são tidos na proposta como um tipo híbrido, que se caracteriza por exercer funções dêiticas e encapsular conteúdos proposicionais. Essa categoria pode se manifestar das seguintes formas:

a) por demonstrativo

(23) “Mas nesse momento a recordação do homem não a angustiava e, pelo contrário, trazia-lhe um sabor de liberdade há doze anos não sentido. Porque seu marido tinha uma propriedade singular: bastava sua presença para que os menores movimentos de seu pensamento ficassem tolhidos. A princípio, isso lhe trouxera certa tranquilidade, pois costumava cansar-se pensando em coisas inúteis, apesar de divertidas.” (conto *A fuga*, de Clarice Lispector)(CAVALCANTE, 2004b, p.18).

b) por SN (anáfora-rótulo com dêitico)

(24) “**Veja** – *Uma mulher que trabalha o dia inteiro, cuida de filhos, tem de resolver problemas da casa nem sempre consegue arranjar tempo para praticar esporte. O que fazer para resolver esse dilema?*” (entrevista - Veja, 15/01/03) (CAVALCANTE, 2004b, p. 19).

Em ambos os exemplos (23 e 24), pode-se identificar as funções anafórica e dêitica nas expressões. No primeiro caso, o pronome ‘isso’ encapsula, resumindo toda a porção textual anterior; no segundo, o sintagma nominal encapsula o conteúdo disperso na proposição e o recategoriza, promovendo, através de uma inserção lexical, um posicionamento avaliativo mais evidente do enunciador.

Cumprido notar que nos quadros das funções metadiscursivas elaborado por Crismore (1989) e Hyland (1998, 2005) não aparecem os processos de referenciação. Observando, contudo, o caráter metadiscursivo destes processos, apresenta-se uma noção de metadiscorso que, embora possua traços da noção descrita em Hyland, esboça-se a partir de critérios sócio-cognitivos e discursivos. Por esta razão, em nesta pesquisa, admitem-se as expressões referenciais como expressões metadiscursivas. Desse modo, contribui-se para os estudos sobre referenciação, na medida em que se está a demonstrar as razões pelas quais as expressões referenciais exercem funções metadiscursivas. Por outro lado, contribui-se para as pesquisas sobre metadiscursividade, na medida em que se comprova que muitos dos casos descritos na literatura sobre o assunto envolvem processos referenciais.

O respeito a estes aspectos neste trabalho, se dá, dentre outras razões, pela consideração de que, em lingüística, a variação das categorias pode estar subordinada aos diferentes modos como uma cena é vista. Nesse caso, são o ponto de enfoque e a perspectiva a partir dos quais se observa o fenômeno que determinam a mudança da categoria. Assim, uma alteração ou no contexto ou no modo de apreensão do objeto pode modificar a forma de expressão ou a compreensão que se interpõe entre o item e seu significado. A observação desses aspectos se faz fundamental para a descrição que pretendemos fazer do funcionamento dos processos referenciais como agentes metadiscursivos.

2. CONCEPÇÃO DE METADISCURSO

A conceituação de metadiscurso proposta por Hyland (1998) sugere que alguns elementos argumentativos são conscientemente empregados no texto para conduzir o leitor a uma compreensão de sentido aproximada daquela pretendida pelo escritor. Existem, no entanto, abordagens que se configuram necessárias de averiguação no que diz respeito à consideração de conceitos pertinentes ao metadiscurso pois, como assevera Crismore (1989), há uma infinidade de empregos para este termo. Considerando isto e o fato de as expressões referenciais possuírem traços metadiscursivos, apresentar-se-á aqui alguns processos de nomeação que, segundo a natureza de suas funções, exercem sobre o material discursivo intervenções de ordem metadiscursiva.

O termo metadiscurso figura nos estudos lingüísticos principalmente sob duas acepções. A primeira o define como recurso que se volta sobre o próprio ato enunciativo. Nesta perspectiva, os aparatos lógico e formal da língua são os dispositivos usados para compor as estratégias metadiscursivas de assinalar os comentários sobre o texto. Esta abordagem aproxima a noção de metadiscurso da noção de metalinguagem ou de metalingüística. A segunda acepção aproxima metadiscurso e discurso; por esta ótica, o metadiscurso se configura como o comentário intrínseco ao próprio desenrolar do discurso. Maingueneau (1987) articula desta forma esta distinção: a definição de metadiscurso oscila “constantemente entre uma definição estreita, próxima àquela da metalinguagem dos lógicos, e uma definição ampla que tende a dissolver o metadiscurso no discurso” (MAINGUENEAU, 1989, p. 93).

A despeito desta visão dicotômica e aparentemente incompatível que se tem de metadiscurso, procurou-se delinear nesta pesquisa uma definição que considerasse os aspectos lógicos e os aspectos retórico-discursivos como propriedades não-conflitantes para a descrição deste fenômeno. A razão para isto é a percepção de que a perspectiva de Hyland (2005) sobre o fenômeno detém-se em aspectos de classificação formal como se o metadiscurso se manifestasse de forma homogênea. Sugere-se que, considerando pressupostos da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso, por exemplo, possam ser considerados outros aspectos que permitam uma apreciação do caráter enunciativo do metadiscurso.

2.1 O metadiscurso na Análise do Discurso.

Visto como uma forma de marcar a heterogeneidade discursiva, o metadiscurso assume, na AD francesa, o papel de ajustar no enunciado os termos de um código de referência (MAINGUENEAU, 1989, p.93). A heterogeneidade da linguagem pode ser entendida a partir do conceito de polifonia de Bakhtin (1997), no entanto vai além disso.

A heterogeneidade mostrada, conceito proposto Authier-Revuz (1990), é apresentada também por Maingueneau (1989) como formas de demonstração de diversidades de fontes de enunciação. É percebida no discurso através de manifestações explícitas, “recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação” (1989, p.75) que resultam de uma polifonia. Segundo Maingueneau, o metadiscurso constitui algo diferente dos outros níveis do discurso: é uma interferência do enunciador, que demonstra que o discurso se constitui em níveis distintos. Mais do que isso, na perspectiva discursiva, o metadiscurso pode ser observado como mecanismo de alinhamento destes níveis, ou seja, através dele o enunciador apresenta ao co-enunciador uma estabilidade discursiva só aparente.

Maingueneau (1989, p.93) ressalta ainda que o metadiscurso do locutor permite descobrir os “pontos sensíveis” [grifo do autor] no modo como uma formação discursiva define sua identidade em relação à língua e ao interdiscurso⁵.

O interessante neste trabalho é, pois, descrever e avaliar o metadiscurso não apenas como uma estratégia de organização textual com finalidade didática, como em algumas pesquisas na área de Linguística Aplicada, mas principalmente como fenômeno enunciativo. Neste sentido, empreende-se uma tentativa de reunir as concepções da perspectiva retórica, adotada por Hyland, com os pressupostos básicos da Análise do Discurso e da Análise Crítica do Discurso no que isto for possível.

2.2 O metadiscurso na perspectiva retórica.

⁵ O nível interdiscursivo é entendido por Maingueneau (1989) como a relação de um discurso com outros discursos, podendo divergir deles ou simplesmente apresentar enunciados semanticamente vazios em relação àqueles que autorizam sua formação discursiva. Assim, entende-se que, na formação do enunciado, o saber de uma formação discursiva se manifesta de modo que estes estão situados em uma memória discursiva que guarda e transmite informações culturais. Também chamado de intertextualidade interna por Maingueneau, o nível interdiscursivo, através desta memória, permite que formulações enunciativas anteriores circulem e que sejam assimiladas, transformadas ou rejeitadas.

A primeira abordagem a ser descrita aqui é formada a partir de uma junção dos critérios funcionais, discursivos e interativos. Segundo esta perspectiva, o metadiscorso é o material lingüístico que envolve texto, autor e leitor (Hyland e Tse, 2004). As instâncias observadas por Hyland (2005) para situar essa relação podem ser resumidas a partir da perspectiva textual e da interpessoal. A admissão destas duas categorias permitirá, como mencionado acima, relacionar o teor lógico e o teor discursivo para a abordagem pretendida neste trabalho. Estas dimensões, que são definidas mais adiante, permitem que o metadiscorso seja percebido como uma estratégia cujo objetivo primeiro é promover a interação entre escritor e leitor.⁶

Neste sentido, a teoria do metadiscorso proposta por Hyland engendra a escrita como comprometimento social, pois é através dele que o escritor se projeta em seu texto e estabelece com o seu leitor, ao sinalizar seus posicionamentos, uma relação de conquista e de orientação.

Pode-se ainda, nessa mesma direção, entender o metadiscorso como um conjunto de traços, interpessoais e coesivos, no dizer de Hyland e Tse (2004), que ajudam a vincular um texto ao seu contexto perante uma audiência.

Esta perspectiva, adotada por Hyland (1998), define-se a partir de concepções empregadas por autores como Vande Kopple (1985) e Crismore (1989) para a noção de metadiscorso. Constitui ponto comum para estes autores a concepção de que o metadiscorso é o discurso sobre o discurso e que esta definição, na realidade, consiste em um ponto de partida para uma noção mais ampla em que disciplinas diferentes contribuem para uma reformulação constante do conceito. Todas estas perspectivas parecem se entrelaçar para que o termo metadiscorso assuma uma característica primordialmente retórica, enquanto método de organização do discurso para a finalidade da persuasão. Neste trabalho, concebe-se, a partir da leitura destes autores, a visão de metadiscorso que considera abordagens sócio-pragmáticas, relacionadas, sobretudo, a traços retóricos definidos pelas comunidades discursivas em que os gêneros textuais analisados se inserem e relacionadas ao modo como esses traços aparecem nas escolhas lexicais dos autores.

Hyland (1998) reconhece que é heterogênea a categoria de metadiscorso e que ela pode ser identificada através de alguns dispositivos lingüísticos de pontuação e de

⁶ Os termos escritor e leitor estão sendo utilizados neste momento do texto por respeito à nomenclatura empregada por Hyland (2005), mas correspondem, aqui, ao que temos denominado de enunciador e co-enunciador.

marcas tipográficas como parêntesis e aspas, por exemplo. Para ele, esta estratégia é um construto pragmático central que permite a percepção de como os escritores tentam influenciar a compreensão do leitor sobre o texto. Desse modo, o metadiscurso é compreendido a partir de aspectos do texto que demonstram claramente o modo como o discurso foi organizado pelo escritor revelando o direcionamento do seu conteúdo para o leitor. Este emprego pode ser observado no seguinte exemplo mencionado por Hyland:

(25) Our results **suggest** that rapid freeze and thaw rates during artificial experiments in the laboratory **may** cause artifactual formation of embolism. Such experiments may not quantitatively represent the amount of embolism that is formed during winter freezing in nature. In the chaparral at least, low temperature episodes usually result in gradual freeze-thaw events.
(Bio)(HYLAND, 2005, p. 179)

(25) Nossos resultados **sugerem** que este frio rápido e o degelo classificados durante experimentos artificiais em laboratório **podem** causar formações artfactuals de embolia. Tais experimentos **talvez** não representem quantitativamente o total de embolia que é formado durante o inverno congelante na natureza. No chaparral, **pelo menos**, episódios de temperatura baixa **usualmente** resultam em eventos de gelo-degelo.

(Biologia) (HYLAND, 2005, p.179)

Em (1), pode-se perceber que as expressões sublinhadas, classificadas por Hyland como formas modalizadoras (*hedges*) metadiscursivas, assinalam o posicionamento do escritor em não fazer afirmações taxativas e em não se comprometer totalmente com as informações que está fornecendo ao leitor.

Nesta perspectiva, a inclusão do metadiscurso no enunciado possibilita ao enunciador transformar o texto, moldá-lo às suas intenções comunicativas de modo a facilitar, se for o caso, a recepção do co-enunciador. Nesses termos, admitem Hyland e Tse (2004), o metadiscurso é uma categoria funcional, aspecto que pode ser observado a partir dos seguintes exemplos:

(26) I admit that the term ‘error’ may be an undesirable label to some teachers. (AL PHD). (HYLAND e Tse, 2004, p. 157)

(26) Eu admito que o termo ‘erro’ pode ser um rótulo indesejável para alguns professores. (AL PhD) (HYLAND e TSE, 2004, p. 157)

(27) The geography curriculum teaches about representative fractions, scales and ratios in form 1 (age 12+) whilst mathematics study does not deal with this topic until Form 2!.

(Bio MSc) (HYLAND e TSE, 2004, p.157)

(27) O currículo escolar geográfico ensina sobre frações representativas, escalas e proporções em Forma 1 (idade 12+) enquanto o estudo em matemática não trabalha com este tópico até a Forma 2!.

(Bio MSc) (HYLAND e TSE, 2004, p. 157)

(28) I believe the **following aspects** should be seriously considered and reviewed by the SAR government to maintain the prospect of this industry.

(Bus Mas) (HYLAND e TSE, 2004, p. 163)

(28) Acredito que os aspectos seguintes deveriam ser seriamente considerados e revistos pelo governo do SAR para manter o prospecto desta indústria.⁷

(Bus Mas) (HYLAND e TSE, 2004, p. 163)

Observa-se, nestes trechos de artigos científicos, retirados do *corpus* analisado por Hyland (2005) e por Hyland e Tse (2004), que o metadiscorso se realiza por meio de escalas de unidades lingüísticas que vão da pontuação exclamatória e de citações aspeadas (26) até orações inteiras (27), e mesmo seqüências de várias sentenças (28).

A partir da constatação de tal variabilidade na expressão das categorias, depreende-se que o metadiscorso é uma categoria aberta e que aceita a inclusão de novos itens que permitam ao escritor ajustá-los às suas necessidades. No entanto, advertem Hyland e Tse (2004), a inclusão de novos itens como metadiscorso deve obedecer às classificações funcionais e às análises de texto.

No que concerne às classificações funcionais, Hyland (1998a) propõe duas categorias em torno das quais se organizam as estratégias metadiscursivas: o metadiscorso textual e o metadiscorso interpessoal, descritas a seguir.

⁷

Todos os exemplos desta seção foram de tradução livre nossa.

2.2.1 O metadiscorso textual

O metadiscorso textual, segundo Hyland (1998), refere-se aos dispositivos que permitem ao leitor recuperar, de alguma forma, a intenção do escritor em estabelecer explicitamente interpretações de significados proposicionais.

Para Hyland (1998), estes dispositivos aparecem no texto com a função de torná-lo convincente e coerente. Seu emprego depende de relações de conhecimento partilhado entre os participantes do ato de comunicação e da avaliação do escritor. Estas manifestações representam a presença da audiência no texto, pois demonstram a consciência do escritor das restrições e das alternativas que ele oferece ao leitor para que este interprete a mensagem consoante sua intenção. O metadiscorso textual subdivide-se em: conectivos lógicos, marcadores de enquadramento, marcadores endofóricos e referências de conteúdo.

a) Os conectivos lógicos

Os conectivos lógicos são compostos de conjunções e locuções adverbiais que indicam como o leitor deve estabelecer as conexões entre as idéias. São representados, dentre outros, por *mas*, *porém*, *conseqüentemente*. Observe-se o exemplo:

(29) “O presidente da Vodafone Portugal reafirmou hoje que a prioridade da empresa é o crescimento orgânico, mas admitiu que, no futuro, poderá avaliar "boas oportunidades" de negócio que lhe permitam, por exemplo, avançar com uma oferta de televisão.”

(notícia retirada do *site* diarioeconomico.sapo.pt)

No exemplo, o conectivo *mas* estabelece um elo coesivo entre as orações e, a partir do nível textual, situa o comentário metadiscursivo do enunciador. Já a expressão *por exemplo* introduz a reformulação do conteúdo realizada pelo enunciador, para fornecer meios auxiliares de compreensão do texto para o co-enunciador.

b) Os marcadores de enquadramento

Os marcadores de enquadramento, por seu turno, indicam estágios do texto sinalizando para o leitor as partes que compõem esse texto: *primeiro*, *inicialmente*, *para*

concluir; esclarecem objetivos discursivos: *meu objetivo é, pretende-se*; indicam mudança de tópico: *agora, em seguida*. Note-se que, enquanto o anterior tem uma função de conexão lógica entre proposições, seqüenciando argumentos no nível proposicional; neste caso, a relação coesiva se dá num nível de organização de segmentos do texto, ou, em outros termos, dá-se na organização dos tópicos discursivos. Estes marcadores agrupam informações sobre elementos do discurso conforme se observa no exemplo:

(30) “Meu objetivo neste trabalho é encontrar (...) indícios de outros textos, produtos de práticas discursivas escolares cujas palavras, retomadas pelos aprendizes da escrita, adquirem novos tons apreciativos em seus textos e podem revelar suas compreensões das palavras, dos discursos, das atitudes e das relações que se instituem no ambiente escolar.(...)”

(Trecho de artigo de pesquisa)

A expressão em destaque conduz a atenção do leitor explicitamente aos atos de discurso; neste caso, declara o objetivo geral do artigo científico do qual se extraiu este excerto.

c) Os marcadores endofóricos

Os marcadores endofóricos remetem a outras porções do texto: *abaixo, acima, a afirmação supracitada*. Do ponto de vista da referenciação, eles constituem índices de dêixis textual. Essa função dêitica se somaria, assim, à função de organização do tópico discursivo.

(31) (...) “Conforme foi notado acima, o acento tonal nuclear L*+H pode ser seguido por uma descida ou uma subida finais.(...)”
(trecho de artigo científico)

No exemplo 31, o marcador endofórico *notado acima* direciona o leitor para a parte do texto em que se encontra a informação que ele quer mostrar ao leitor.

d) As referências de conteúdo

Há ainda as referências de suporte: *de acordo com x*. Os reformuladores adicionam informações: *isto é, em outras palavras*. O funcionamento destes marcadores pode ser mais bem entendido a partir da observação dos seguintes exemplos:

(32) “Claro que esta é uma constatação empírica válida e que pode ser usada como argumento na defesa da igualdade humana, da mesma forma que se fez uso da defesa da teoria científica do monogenismo, isto é, a ancestralidade comum da espécie humana, hoje inquestionável”.

(artigo de opinião).

Já no exemplo (32), observam-se duas categorias de metadiscurso, uma interpessoal, como mais adiante se define, realizada na forma enfática ‘claro’, e outra textual reformulativa: o emprego de expressões como *isto é, ou seja*, que ajudam o co-enunciador a processar a informação de natureza ideacional.

Na apreciação dos dados, o metadiscurso textual se revelou mais freqüentemente nos artigos acadêmicos. Atribui-se isto ao fato de haver nestes textos uma preocupação descritiva e didática maior do que no artigo de opinião. Quanto às expressões referenciais metadiscursivas que aparecem naqueles textos, observou-se que são, na maioria das vezes, de ordem parafrásica e que se manifestam metalingüisticamente. Observe-se o exemplo:

(33) Por “ontologia” entende-se a **parte da Filosofia** que se preocupa com o estudo das propriedades gerais do ser. **A palavra** tem origem no grego *on, ontos*, sendo diversas as possibilidades de **abordagem do ser**, como no sentido de Heidegger, em que **esse campo de estudo** se reveste de uma reflexão sobre o sentido abrangente do ser, dando vazão à possibilidade de suas múltiplas existências.

(artigo de opinião).

No exemplo (33), a introdução referencial *ontologia* é retomada, ao longo do texto, por expressões parafrásicas, como *parte da filosofia, abordagem do ser, esse campo de estudo*. Tais expressões acrescentam informações extras à âncora, contribuindo para a argumentatividade do texto. Nesse mecanismo, observamos traços do metadiscurso textual endofórico, pois a expressão conduz a atenção do leitor/co-enunciador a outras partes do texto. *A palavra*, na linha dois, é uma expressão que recategoriza *ontologia* por referência ao seu *status* na frase, daí esta estratégia se

configurar como metalingüística. Estas são ocorrências que se repetem com uma frequência que nos autoriza a afirmação, aqui, de que as expressões referenciais metadiscursivas nos artigos acadêmicos se revelam sob a categoria *textual* e que as recategorizações apresentam um caráter metalingüístico.

Nos artigos de opinião, as expressões referenciais que manifestam traços semânticos que denotem a função metadiscursiva textual aparecem em menor frequência.

O tipo de metadiscurso descrito a seguir relaciona as formas que sinalizam o componente interacional por meio do qual o escritor estabelece uma proximidade com o leitor.

2.2.2 O metadiscurso interpessoal

O metadiscurso interpessoal informa o leitor sobre o posicionamento do escritor diante das informações proposicionais, contribuindo, assim, para que o sentido do texto surja de uma relação escritor-leitor. Nessa categoria, o metadiscurso é essencialmente interacional e avaliativo. Hyland (1998a) descreve esta função como o modo pelo qual o escritor expressa uma *persona* ou uma personalidade criada para o ato de comunicar. Isto se evidencia em uma comunidade discursiva cujo ato de escrever é socialmente definido e influencia os posicionamentos e as expressões de atitude do escritor, assim como o seu grau de comprometimento com o conteúdo proposicional. Outro fator que influencia essas posturas do escritor é a interferência do gênero nesses posicionamentos. No que concerne ao escrever acadêmico, por exemplo, Hyland (1998a) menciona como o compromisso com os colegas orienta ou influencia esse posicionamento do escritor, que se define a partir da apreensão de características relacionadas a traços sociais e culturais estabelecidos pela comunidade discursiva em que este está inserido.

Os marcadores interpessoais dividem-se nos seguintes tipos: atenuadores, enfatizadores, marcadores de atitude, marcadores relacionais, marcadores de pessoa.

a) Os atenuadores

Os atenuadores amenizam o grau de comprometimento do autor com a proposição. São marcadores que denotam possibilidade e sugerem a informação: *poder*, *é possível*.

(34) VÍDEO ONLINE **PODE** SER PRÓXIMO ALVO DE CRIADORES DE VÍRUS

Um novo estudo conduzido pela universidade Georgia Tech indica que os vídeos online **podem ser** o novo vetor de ataque para cibercriminosos que contam com os vírus de computador para fazer vítimas.

(notícia da Internet).

No exemplo (34), o verbo *poder* é utilizado em duas situações de modalização. Na primeira, captada no título, o autor expressa para o leitor que a informação da notícia ainda não se confirmou como fato, ressaltando o caráter de especulação. No corpo da própria notícia, novamente o verbo *poder*, agora em uma locução verbal, induz o leitor a não atribuir ao autor a responsabilidade sobre a veracidade da notícia.

b) Os modalizadores

Estes marcadores são amplamente utilizados no artigo científico; é o que se constatou através da observação, no exemplo (35), de expressões como *é bem provável* e *praticamente*, que denotam uma tentativa do autor em amenizar o impacto da informação ou ainda não se comprometer integralmente com ela:

(35) (...)Se fosse perguntado ao leitor em que situações a palavra *oi* é empregada, é bem provável que a resposta fosse: em situação de cumprimento e de chamamento. Alguém, mais versado na gramática normativa, talvez até pudesse lembrar seu nome: interjeição.

Acontece, porém, que existem “*erros*” que chocam e “*erros*” que não chocam. Começemos pelos que não chocam. Em uma situação informal, **praticamente** não se nota que houve um “*erro*”, se ouvimos alguém dizer: *tá fazeno frio*. Por outro lado, são considerados ignorantes aqueles que dizem: *nós foi* ou *os menino chegou*. Por que isso ocorre? (...)

(trecho de artigo de pesquisa)

c) Os enfatizadores

Os enfatizadores, ao contrário dos modalizadores, acentuam o comprometimento do enunciador com o enunciado: *com certeza, é óbvio, sem dúvida*.

(36) **Está claro**, na edição de hoje, que política externa não é prioridade para a Folha. O governo dos EUA enviou simultaneamente ao Brasil três quadros importantes para conversar com o governo federal e vários governadores num momento de tensão na América do Sul. (...)

(artigo de opinião).

A expressão em destaque no exemplo (36), embora não esteja entre as relacionadas acima, possui o traço semântico de demonstrar o reforço que o autor quer dar a sua opinião.

c) Os marcadores de atitude

Os marcadores de atitude sinalizam para aspectos afetivos que o autor imprimiu ao texto; denotam surpresa, importância, obrigação.

(37) Em relação ao problema da justeza, da correção dos nomes, a tese de Crátilo parece predominar no diálogo, diálogo que **surpreendentemente** se ocupa do início até o fim com a questão da linguagem(...)

(artigo acadêmico).

Observe-se que, no exemplo (37), O termo *surpreendentemente* denuncia uma atitude do autor: a surpresa em perceber no diálogo de Crátilo a preocupação com a linguagem.

d) Os marcadores relacionais

Os marcadores relacionais estabelecem um elo entre autor e leitor. Em geral, consistem em alguma expressão que tenta persuadir o leitor, ou incluí-lo no discurso: *note-se, perceba, veja*.

(38) (...) *Perguntaram ao padre se ele tinha alguma objeção ao sexo antes do casamento, e ele respondeu: “Nada contra, desde que não atrase a cerimônia”*.

Como se pode ver, o padre da piada faz de conta que compreende “antes” como se significasse ‘logo antes’. Ao contrário da

Globo, que não escolheu um acontecimento imediatamente anterior à volta de Berzoini, mas um que ocorreu bem antes desse fato. (...)

(artigo de opinião)

Através da expressão em destaque no exemplo (38), o autor estabelece uma relação com o seu leitor, chamando sua atenção para um determinado posicionamento de forma a obter uma adesão do leitor a este posicionamento.

2.3 Persuasão, comprometimento e interação no metadiscurso

Este item visa a apresentar as formas como o metadiscurso ajuda a demonstrar ao leitor/co-enunciador como o texto se organiza. Estão implícitos neste processo também os modos como o autor/enunciador se posiciona no texto tendo em vista a adesão e a conquista de seu leitor.

As pesquisas que enquadram o metadiscurso em uma perspectiva retórica, como a assumida por Hyland em seus estudos sobre metadiscurso, consideram elementos como os aspectos sócio-culturais, certas particularidades dos gêneros discursivos, além de categorias de análise discursiva. Considerados tais elementos, o metadiscurso pode ser compreendido, então, como o resultado da consideração desses dispositivos linguageiros que entrelaçam diferentes instâncias do discurso, sempre tendo em vista um engajamento entre escritor/enunciador e leitor/co-enunciador.

Melhor explicando este aspecto interacional entre escritor e leitor, pode-se dizer que o metadiscurso ajuda a relacionar o assunto de um conteúdo para ampliar a estrutura de um conhecimento; a tornar o discurso coeso e coerente, a operacionalizar estratégias retóricas, a organizar e avaliar, além de introduzir mudança de níveis em um discurso. Pode ainda preparar o leitor para os próximos passos retóricos e comunicativos aplicados em um texto. Através dessas estratégias metadiscursivas, que indicam os estados de conscientização dos autores e como tais estados são percebidos, aceitos ou recusados pelos leitores, é que o metadiscurso exerce as funções semântica, social, psicológica, o que lhe permite manter certo controle sob o ato comunicativo.

Observe-se o exemplo:

(39) **Na verdade(a)**, quando se afirma, e **consensualmente(b)**, que Mattoso Câmara foi o introdutor da Linguística moderna no Brasil, **o que tal afirmação significa(c)**, **a rigor(d)**, é que, com ele, se inicia uma forma distinta de trabalho com a linguagem entre nós, que se concretiza em um novo discurso, cuja caracterização me proponho aqui.

Este novo discurso(e) sobre a linguagem inaugurado por Mattoso Câmara no Brasil, no início da década de 40, privilegiaria, **antes de mais nada(f)**, o estudo da linguagem em seu plano universal, **vale dizer(g)**, um discurso marcado pela preocupação teórica, pelo escopo de fazer lingüística teórica, de trabalhar com uma teoria lingüística cujos princípios gerais fossem aplicáveis a qualquer língua. **Com efeito(h)**, em 1941, ele edita os seus *Princípios de Lingüística Geral* (Mattoso Câmara 1941), ainda, pois, no início de uma produção acadêmica que se revelaria notável para a progressão dos estudos lingüísticos em língua portuguesa. *Princípios*, **como alguns críticos já salientaram(i)**, não apresenta teoria original, mas revela o trabalho de um lingüista bem informado, atualizado, cuja seleção de temas assegurava uma cobertura satisfatória dos domínios da Lingüística desenvolvidos à época, e com a sempre presente originalidade da reflexão pessoal do autor. As preocupações teóricas não estiveram **evidentemente(j)** ausentes de estudiosos brasileiros anteriores ou coevos de Mattoso Câmara. Foi ele, contudo, com *Princípios*, o primeiro a divulgar, no Brasil, e também em Portugal, um discurso mais abrangente e conseqüente, voltado para a apreensão dos princípios fundamentais que regem o funcionamento da atividade lingüística entre os homens, graças, **como reconhece Rodrigues (1984: 91)(l)**, "à ampla compreensão que desde cedo desenvolveu acerca da linguagem e das línguas e à pertinência e à sabedoria com que atuou através de seus livros", e do seu magistério, acrescento eu. **Pode-se dizer(m)** que a Lingüística Geral, ou Teórica, **como prefiro denominá-la(n)**, é reconhecida como disciplina entre nós a partir dos *Princípios* de Mattoso Câmara e passa a integrar o currículo de um curso de Letras em 1948, quando ele se torna professor regente de Lingüística na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, docência que exerceu ininterruptamente até pouco antes de falecer.

(Artigo de pesquisa)

As ocorrências metadiscursivas no exemplo (39) ilustram a tentativa do autor em expressar e reforçar suas idéias, tanto quanto em estabelecer com o leitor uma relação de cumplicidade quanto ao sentido veiculado no texto. Observa-se ainda que expressões como (a), (f) e (h) permitem ao escritor organizar o texto a partir do ponto de vista defendido por ele; são expressões que exercem a função textual e interpessoal, conforme as definições supracitadas.

Para Fairclough (1992, p.122), o metadiscurso é a linguagem utilizada em um texto "quando o falante/escritor se situa acima e fora de seu próprio discurso e está em uma posição de controlá-lo e manipulá-lo". Esta perspectiva se aproxima da que assume Hyland (1998a) ao basear sua proposta em três conceitos chaves: a evidencialidade, ou o compromisso assumido pelo autor com a verdade das proposições que apresenta; a confiabilidade, ou a precisão desses traços para o sucesso das atitudes interpessoais; e a

afetividade, ou a expressão das atitudes pessoais. Percebe-se, no entanto, após uma revisão dos conceitos de metadiscorso, que algumas categorias arroladas por Hyland podem estar associadas a conceitos de uma perspectiva em que a análise textual/discursiva se sobreponha à análise retórica.

Os marcadores descritos por Hyland (1998) podem ser observados em funcionamento no seguinte co(n)texto mencionado pelo autor:

(40) **Of course**, I made decisions about the findings I have, but is more convincing to tie them closely to the results. (Phy interview).

(40) **É claro**, eu tomei decisões sobre descobertas que fiz, mas é mais convincente vinculá-las com atenção aos resultados. (entrevista de Phy).⁸

É claro, no exemplo (40), representa uma marcação de ato persuasivo do escritor perante o leitor, uma vez que a expressão em destaque sinaliza para uma afirmação categórica cuja finalidade é conduzir o leitor a um entendimento do texto supostamente pré-estabelecido pelo autor.

Para concluir este capítulo, ressalta-se que os elementos metadiscursivos, como já se afirmou, exercem funções importantes do ponto de vista da organização textual e da forma como o autor se coloca no texto para estabelecer vínculos com o seu leitor. Contribui para a relevância do aproveitamento da classificação das funções, feita por Hyland (1989, 2005), relacionadas a estes aspectos, em nosso estudo sobre a metadiscursividade nos processos referenciais, o fato de categorias como posicionamento e engajamento serem considerados como fatores constitutivos do metadiscorso. Estas categorias, por sua vez, tornaram-se indispensáveis em nossa análise, tendo em vista seu envolvimento na observação do modo como a interação escritor/enunciador e leitor/co-enunciador é fundamental para a construção de sentido de um texto via construção do referente.

⁸

Tradução livre nossa.

3 DESCRIÇÃO DAS FUNÇÕES METADISCURSIVAS EM EXPRESSÕES REFERENCIAIS

Neste capítulo, é realizada a observação dos artigos reunidos no *corpus* organizado para esta pesquisa no intuito de descrever os aspectos metadiscursivos nos processos referenciais e apresentar uma análise interpretativa do conteúdo axiológico destas expressões. Em função disto, optou-se por identificar, descrever as expressões referenciais anafóricas e dêiticas metadiscursivas a partir dos aspectos textuais e interpessoais e dos aspectos sócio-cognitivos que advêm da teoria da referenciação. Em seguida, são apresentadas análises discursivo-textuais a partir destas expressões.

3.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa se configura hipotético-dedutiva, pois parte da colocação de um problema: como são analisáveis os valores axiológicos veiculados pelas expressões referenciais metadiscursivas. Partiu-se da hipótese básica de que as expressões referenciais metadiscursivas apresentam significados axiológicos captáveis através das funções textuais e interpessoais, todas interpretáveis a partir de perspectivas que consideram a interação como princípio constitutivo para a elaboração de sentido dos objetos-de-discurso.

A consideração das funções textual e interpessoal da linguagem, tal como as descreve Hyland (2005), bem como dos processos referenciais descritos por Cavalcante (2004b), conforme foi resumido no capítulo 1, serve agora como embasamento teórico para a análise das ocorrências de expressões referenciais metadiscursivas no material selecionado para a pesquisa. Após a identificação de tais expressões, observou-se e relacionou-se aspectos do termo metadiscorso respeitando a perspectiva retórica representada por Hyland (1998, 2005). Também foram observados, com a intenção de analisar os textos da amostra, conceitos das correntes francesa e anglo-saxônica de análises discursivas. A opção por estes paradigmas deve-se ao fato de serem considerados aqui conceitos como *intertextualidade*, *ethos* descritos por Fairclough (2001 e 2003) e *representação de atores e impersonalização por autonomização*, descritos por van Leeuwen (1997) no âmbito da Análise Crítica do Discurso e sua pertinência para o enfoque de análise que se pretendeu dar ao estudo, na medida em que se buscou identificar aspectos ideológicos e valorativos nas situações enunciativas.

O procedimento de análise deu-se do seguinte modo: primeiro, selecionou-se um *corpus* contendo 15 (quinze) artigos de pesquisa e 15 (quinze) artigos de opinião. A seleção dos textos foi realizada considerando aspectos de relevância e de credibilidade das publicações. Por este motivo, optou-se, no caso dos artigos de pesquisa, por reproduzi-los de revistas eletrônicas, como “*D.E.L.T.A*”, “*Linguagem em discurso*” e, “*Revista de estudos lingüísticos Veredas*”. No que se refere aos artigos de opinião, seguiu-se para esta seleção o mesmo critério de reconhecimento da publicação. As publicações eletrônicas das quais foram recolhidos estes textos foram: *Folha de São Paulo on line*, *Primapágina* e *Carta Capital*.

A escolha destes gêneros deveu-se ao fato de que eles constituam ambientes profícuos à utilização de expressões referenciais metadiscursivas com valores axiológicos, tendo em vista, resguardadas as maneiras de manifestação do fenômeno, o teor argumentativo/persuasivo de cada gênero.

Além disso, observou-se, em uma pré-análise, que tanto o artigo de pesquisa quanto o artigo de opinião apresentam estratégias de organização textual e interpessoal com vistas ao reforço do caráter persuasivo.

A verificação de marcas referenciais metadiscursivas no texto acadêmico, contudo, constitui um desafio se este for considerado a partir da perspectiva que tradicionalmente o caracteriza como sendo de caráter impessoal. A despeito disto, estudos como os de Hyland sobre metadiscorso supõem que o que se configura como atitude nesses textos concerne aos julgamentos dos escritores das probabilidades das estimativas de valores (Hyland, 2005).

Nos textos do *corpus*, são analisados os processos referenciais metadiscursivos segundo as definições de metadiscorso textual e interpessoal de Hyland (1998). Na aplicação desta classificação, no entanto, serão observadas apenas formas e funções que contenham processos de referenciação. Este procedimento se deve ao à observação de que a taxonomia organizada por Hyland atende aos propósitos específicos de uma pesquisa com objetivos de análise quantitativa de dados e abrange principalmente marcadores estereotipados e não expressões referenciais. Os processos referenciais, por não poderem estar necessariamente correlacionados às formas invariáveis de expressão, não podem ser verificados pelos mesmos meios, pois, partir dessa pressuposição de correspondência entre formas preestabelecidas e funções discursivas seria negar os pressupostos teóricos que estamos defendendo.

Quanto à observação no *corpus* dos processos referenciais metadiscursivos, seguiu-se uma linha teórica que os concebe como objetos-de-discurso cujo sentido surge de um processo interativo que considera aspectos sociais e culturais em que os indivíduos estão submersos, ou seja, os pressupostos da referenciação.

Para a identificação destas expressões, utilizou-se, sobretudo, a consideração do traço semântico para reconhecer nas retomadas a função de persuasão e de interação a que se propõe investigar esta pesquisa. Assim, expressões que denotem um compromisso do autor em relação ao conteúdo podem constituir, segundo uma determinada construção que estabeleça, além de uma retomada anafórica ou dêitica, um traço metadiscursivo, seja relativo ao aspecto de organização do texto, seja relativo ao modo como o autor se posiciona.

3.2 Definição e descrição das Expressões Referenciais Metadiscursivas

A observação das definições e da fundamentação teórica sobre processos referenciais e metadiscursivos estudados para esta dissertação nos conduziu à elaboração do termo *expressão referencial metadiscursiva*. Neste trabalho, consideraram-se expressões referenciais metadiscursivas (ERM) aquelas cuja recuperação do significado permite uma remissão ao ato enunciativo, ou seja, permite ao leitor/co-enunciador identificar, sob algum aspecto, o posicionamento do enunciador. Além de exercer esta função, entendemos que as ERM também contribuem para relacionar, organizar e avaliar o conteúdo proposicional. A partir desta definição, observamos as seguintes funções metadiscursivas, baseadas nas propostas por Hyland (1998) para as expressões referenciais.

- a) *função interpessoal enfática;*
- b) *função interpessoal modalizadora;*
- c) *função interpessoal atitudinal;*
- d) *função interpessoal de relação;*
- e) *função interpessoal: marcador pessoal*

As funções acima relacionadas podem ser descritas da seguinte forma:

a) A função interpessoal enfática

A função interpessoal enfática expressa a certeza do enunciador; sua identificação pode se dar mediante a aproximação semântica entre a expressão referencial e termos como *é óbvio, de fato, definitivamente*.

(41) No ano de 2001, 37% dos novos cursos privados de Direito obtiveram conceito A ou B no Exame Nacional de Cursos, o Provão. Entre os cursos privados criados antes de 1995 a proporção foi inferior: 32%. Em outras áreas, como Administração de Empresas, os diferenciais foram até maiores: 42% contra 28% para os cursos criados antes e depois da instituição do sistema de avaliação do ensino superior.

Mesmo em ausência **dessas evidências empíricas**, um raciocínio lógico elementar também nos levaria à conclusão de que em geral os cursos novos deveriam ser melhores que os antigos. (...)

Contrariando nossa análise, alguém poderia afirmar que PLs podem se instanciar isoladamente sob a forma de preposições (ex. *a, em, com* etc.). **Esse argumento**, todavia, não refuta nossa hipótese, porque PLs, apesar de serem, em sua grande maioria, derivados historicamente de preposições, são menos livres sincronicamente do que elas. **Uma evidência disso** é o fato de PLs sempre respeitarem a condição de adjacência com a base morfológica a que se relacionam, diferente de clíticos, que podem sofrer intercalações, como *em casa* que admite a inserção de outro elemento, formando *em minha casa* ou coisa que o valha. Clíticos preposicionais gozam, pois, de uma autonomia intermediária: não são completamente livres como PCs e nem completamente presos como PLs.

Essa constatação encontra explicação na diacronia, uma vez que a maioria dos PCs se origina de formas livres, radicais gregos ou latinos, ao passo que PLs, como dissemos, derivam-se de preposições latinas no mais das vezes.

(artigo de pesquisa)

No exemplo (41), a expressão anafórica encapsuladora *dessas evidências empíricas* sinaliza para o leitor que a informação veiculada no texto deve ser tida como fato incontestável. Esta interpretação é ainda reforçada pelo sintagma *um raciocínio lógico elementar*, que sugere de forma enfática que não há outra possibilidade de conclusão para o leitor.

b) A função interpessoal modalizadora

A *função interpessoal modalizadora* demonstra o grau de comprometimento do enunciador com a informação dada no texto. Lexicalmente, esta função pode ser

depreendida de palavras ou expressões cujo significado se aproxime semanticamente de *talvez, poder, possivelmente*. Observe-se o exemplo:

(42) Meu leitor habitual é testemunha de que sou um entusiasta da democracia, mas seria brigar contra os fatos deixar de reparar que é nos países árabes mais democráticos (ou menos tirânicos) que o integrismo prospera. As duas nações que permitem que sua população se manifeste livremente através de um sistema representativo são a Autoridade Nacional Palestina e o Líbano. E ambos estão com problemas. Os palestinos com o Hamas; e os libaneses com o Hizbollah e, mais recentemente, com o Fatah al Islam. Será que apenas ditaduras conseguem frear a ameaça fundamentalista islâmica?

Deixo **essa intrigante questão** para uma coluna futura. Por ora, voltemos ao Iraque, mais especificamente à sua fronteira norte, onde se localiza a região curda do país, que era a única a viver em relativa tranquilidade.

(artigo de opinião).

No exemplo (42), a expressão *essa intrigante questão* aparece de forma a atenuar o comprometimento do enunciador com o conteúdo informativo. Diante da complexidade do evento, a palavra *intrigante* denuncia uma instabilidade na questão levantada pelo autor, ao mesmo tempo em que não acentua a gravidade que os dados revelados disponibilizam para o leitor. No entanto, é através do emprego de expressões que denotam possibilidade que a função é mais nitidamente observada. Observem-se mais estes exemplos:

(43) (...) O presidente interino do Senado, Tião Viana (PT-AC) disse hoje que a PEC (Proposta de Emenda Constitucional) que prorroga a cobrança da CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira) até 2011 precisa ser aperfeiçoada. Segundo ele, a proposta não será aprovada do jeito que está.

"O que se entende é que do jeito que está, a matéria não passará no Senado. Ela precisará de aperfeiçoamento. *Esse tipo de possibilidade* vai ser construído entre os partidos da base, da oposição e o governo", disse ele após reunião com líderes partidários.

(artigo de opinião).

E ainda:

(44) De acordo com o relatório do FMI, *a possível* redução do crescimento econômico da região se deve ao impacto da [desaceleração econômica nos Estados Unidos](#) e os efeitos que esta teve, em especial, sobre o México e os países da América Central.

(artigo de opinião)

c) A função interpessoal atitudinal

A função interpessoal atitudinal marca a retomada de forma a revelar o posicionamento do autor/enunciador.

(45) (...) *How does a grammar determine which analysis of a given input best satisfies a set of inconsistent well-formedness conditions? Optimality Theory relies on a conceptually simple but surprisingly rich notion of constraint interaction whereby the satisfaction of one constraint can be designated to take absolute priority over the satisfaction of another. The means that a grammar uses to resolve conflicts is to rank constraints in a strict dominance hierarchy. Each constraint has absolute priority over all the constraints lower in the hierarchy.* (Prince & Smolensky, 1993:2)

Como se vê, **a idéia de avaliação e escolha** é central para o modelo, que rejeita a noção de "derivação de um único output a partir de um único input" e pressupõe uma visão de gramática baseada na existência de duas funções:(...)

(46) (...) A quinta asneira partiu do atual campeão mundial, Hugo Chávez, neoditador da Venezuela. Imaginem se um presidente de um país europeu, a Itália, por exemplo, organizasse uma passeata, digamos, em Lisboa, pagando o transporte dos seus participantes, para protestarem contra a visita do presidente dos Estados Unidos, suponhamos, à Espanha...

Atitude inadmissível para povos civilizados, mesmo com o jeito latino de viver. Pois o Chapolin de Miraflores, quando da visita de Bush ao Brasil, foi a Buenos Aires e, sob a condescendência do presidente argentino, armou o seu espetáculo de quinta categoria, cercado das bandeiras vermelhas do atraso. (...)

No exemplo (46), interpretou-se a expressão em destaque como anáfora recategorizadora com função atitudinal por expressar uma concordância do enunciador com a informação concomitante com uma sinalização deste posicionamento para o co-enunciador, idéia ainda reforçada pela expressão *como se vê*.

d) A função interpessoal de relação

A função interpessoal de relação estabelece explicitamente uma relação entre enunciador e co-enunciador, pois indica um chamamento de atenção direto às partes do

discurso que o autor pretende ressaltar. Na análise dos dados, observamos que esta função ocorre principalmente nos processos dêiticos textuais.

(47) Não obstante, você pode indagar: **qual das palavras acima citadas**, poderia ser a “isca”, **importante indício**, no diagnóstico e processo de avaliação leitora?” Por incrível que pareça, para um diagnóstico preliminar ou básico, em sala, feito por um educador, sem que o aluno precise ir a uma clínica psicopedagógica ou fonoaudiológica, a palavra que, surpreendentemente, nos é útil, e, portanto, serve-nos como parâmetro para diagnóstico, é mneupotruramiscolcopicosislicoculvanonociócito, a falsa palavra.

(trecho de artigo de pesquisa)

(48) A descrição acima evidencia também a relação existente no PE entre redução das pretônicas e atribuição do acento secundário. Com efeito, a acentuação inicial nas palavras contendo três sílabas antes da tônica é acompanhada, em todos os casos encontrados no *corpus*, de redução da sílaba seguinte. Por outro lado, as unidades rítmicas produzidas nessas palavras têm um acento inicial, contrariamente ao que acontece no PB. Proporemos, na seção 3, uma explicação para esses fatos.

(trecho de artigo de pesquisa)

(49) Assumindo o quadro teórico do Programa Minimalista (Chomsky 1995), propomos *agui* que o acento primário é uma propriedade lexical das palavras, sendo idêntico em PB e PE.

(trecho de artigo de pesquisa)

(50) Mostraremos *agora* que os fenômenos de natureza pós-lexical (acentos rítmicos e ressilabificações resultante de reduções vocálicas e de sândi) apresentados na seção 2 podem receber uma explicação otimalista como a que foi esboçada acima – centrada, pois, na questão da boa-formação das estruturas –, sem prejuízo de uma articulação com os pressupostos do programa minimalista, uma vez que a hierarquização de restrições se faz necessária para dar conta da interpretação, pelos sistemas de desempenho, das estruturas geradas pela gramática.

(trecho de artigo de pesquisa)

As expressões em destaque nos exemplos (49) e (50) estabelecem certo grau de deiticidade por pressuporem uma localização para a enunciação e por dirigirem a atenção do leitor para determinados pontos do texto. Não assumem, no entanto, conforme assinala Cavacante (2003), o estatuto de nomeação, exercendo somente a função de organizadores textuais. Ao apontarem, no entanto, para determinados pontos do texto, estas expressões estabelecem uma ponte entre enunciador e co-enunciador por meio da qual se estabelece uma relação.

e) Função interpessoal marcador pessoal

(51) Encontramos aqui **uma evidência concreta** para admitir que *iN_{neg}*- e *sub*- pertencem à classe II, porque todo PL que se sobrepõe a um PC precisa, obrigatoriamente, estar no nível 2, que é o nível em que PCs são afixados. Esses dados estão em conformidade com a segmentação proposta no [quadro 3](#).

(trecho de artigo de pesquisa).

Identificaram-se na expressão *uma evidência concreta* dois traços interpessoais: um que manifesta uma persuasão de modo enfático; e outra que, auxiliada pelo uso do marcador pessoal *nós*, interpretou-se como um modo de o autor se auto-referir. No exemplo seguinte, observou-se uma ocorrência semelhante.

(53) No que concerne ao *status* lexical dos prefixos, **afirmamos** que **toda prefixação ocorre no léxico**, distribuída entre prefixação do nível 1 (da raiz) e prefixação de nível 2 (da palavra), respeitando as seguintes condições: 1^a) prefixos que lidam com uma base em formação pertencem ao nível 1 e 2^a) toda prefixação de nível 2 lida com a palavra pronta.

(artigo de pesquisa).

3.3 Discussão dos resultados da análise das ERM

Assim definidas as funções das ERM, procedeu-se à identificação destas nos dados, o que se deu mediante a observação dos traços formais e funcionais, no caso das expressões referenciais (ER), descritos em Cavalcante (2004c), e das funções textual e interpessoal, no caso das expressões metadiscursivas, caracterizadas por Hyland (2005).

Os passos da análise foram os seguintes: uma vez identificadas, as expressões referenciais, procurou-se reconhecer o traço metadiscursivo, através de pistas semânticas que as caracterizassem conforme os objetivos desta pesquisa. Assim, expressões que denotassem compromisso do autor/enunciador em relação ao conteúdo apareceram em construções não previstas pelas categorias classificatórias de Hyland. Identificado o traço metadiscursivo na expressão referencial, procedeu-se à interpretação do conteúdo axiológico presente nela.

Este último passo em direção à análise dos dados, a percepção do conteúdo avaliativo presente nas expressões referenciais metadiscursivas, foi feito com base em

categorias da Análise Crítica do Discurso que se configuraram pertinentes ao propósito do trabalho, já que a avaliação, nesta teoria, pode ser identificada mediante presunções valorativas, ou seja, são afirmações cujo elemento avaliativo é percebido mediante um atributo, um verbo, um advérbio ou um sinal tipográfico (FAIRCLOUGH, 2003, p.172).

Conforme o intuito de reconhecer as expressões referenciais que estabelecem algum tipo de relação entre autor e leitor e de analisar como isto é percebido como posicionamento, observaram-se ainda pistas deixadas por expressões não referenciais no contexto que direcionam a atenção do leitor para o caráter axiológico de tais retomadas. Tome-se como exemplo o seguinte trecho de um artigo de pesquisa:

(54) (...) Dizendo de outra forma, o ser social surge com a associação do pensamento à ação, através da capacidade da prévia-ideação que realiza o planejamento da ação antes de sua execução. Para que isso fosse possível, foi necessária a constituição de uma linguagem qualitativamente nova, condição intrínseca para a leitura do mundo realizada pelo pensamento:

A linguagem é tão antiga quanto a consciência – a linguagem é a consciência real, prática, que existe também para os homens, e, portanto, que existe igualmente para mim mesmo pela primeira vez; pois a linguagem, como a consciência, só nasce da necessidade, da exigência de intercâmbio com outros homens (MARX, 1965, p. 26).(...)

Na verdade, a percepção da generidade, condição primeira de possibilidade de ser do gênero humano, só é possível através da linguagem que, desde o início, possui as duas finalidades que constituem **essa capacidade do ser social**:(...)

Temos, portanto, duas ordens de fenômenos: uma, que diz respeito à *coisa em si*, e outra, que se refere à possibilidade de apreensão efetiva da *lógica das coisas*. A primeira faz parte do objeto; a segunda, do sujeito cognoscente. **O processo do conhecimento**, apreensão do real, se dá pelo sujeito que, ao mesmo tempo, busca retratar fielmente o movimento do objeto e cria estruturas lógicas (conceitos).(...)

(artigo de pesquisa).

Conforme se observa no exemplo (54), expressões como *na verdade, portanto* auxiliam o leitor a identificar nas expressões referenciais metadiscursivas, marcadas em negrito, a assinalação do ponto de vista defendido pelo enunciador, assim como seu compromisso com a informação veiculada na recategorização. Estas expressões aparecem como modelo de *conectivos lógicos* na classificação de Hyland (1998).

No exemplo (54), a expressão anafórica *a percepção da generidade* recategoriza a expressão: “*a capacidade da prévia-ideação que realiza o planejamento da ação antes de sua execução*”, de forma a ressaltar uma capacidade cognitiva

humana. Observou-se ainda que este tipo de anáfora extrai, em um movimento complexo de remissão a itens não declarados ostensivamente no discurso, elementos que o leitor pode também abstrair das âncoras fornecidas pelo autor/enunciador. *O processo do conhecimento*, por exemplo, é uma expressão recategorizadora que resume para o leitor a seqüência apresentada anteriormente disposta em passos que descrevem o fenômeno de apreensão lógica das coisas, ou o processo de conhecimento.

As anáforas demonstradas até aqui geralmente estabelecem uma relação de um para um, ou seja, para cada retomada anafórica uma âncora se apresenta no cotexto. Por exemplo, nas expressões abaixo, as anáforas foram identificadas a partir da reconstrução de seu significado em um termo apenas:

(55) Há poucas coisas mais amigáveis e menos úteis na informática do que robôs que imitam **animais**. Feiras de tecnologia **os** adoram e vão além: a fauna hi-tech inclui de protetores de mouse com cara de rato -- pegou o trocadilho?-- a cãesinhos que tocam música (como o iDog, cruzamento de [iPod com cão](#)).

Quem chegar a Hannover para a Cebit 2007 pela conexão com Munique (sul do país) também vai topar com "**bichinhos**", mas já no aeroporto. A função **deles** é verificar se você esconde alguma substância proibida --sobretudo da cintura para baixo, a julgar por onde os **dois pastores alemães** tentaram jogar seus focinhos quando cheguei, ontem.

(reportagem).

Observou-se, no entanto, que as retomadas ocorrem também de forma parafrásica. No caso de textos acadêmicos da área de lingüística, por exemplo, observou-se que as retomadas são feitas muito mais com expressões ou sintagmas que acrescentam a um sintagma anterior alguma informação nova, caracterizando também o aumento da informatividade textual. Observe-se o seguinte exemplo:

(56) Certamente a adoção da **abordagem de Bakhtin** nos PCN's e a indicação de alguns gêneros para a prática de leitura e produção textos orais e escritos abrem perspectivas para **o tratamento da linguagem como ação social**, na medida em que evidenciam a necessidade de se desenvolverem com os alunos práticas sociointeracionais mediadas pela linguagem (seja oral seja escrita), que vão instrumentalizá-los para os usos efetivos de linguagem no seu meio social.

(artigo de pesquisa)

No exemplo (56), a expressão *a abordagem de Bakhtin* é recategorizada como *o tratamento da língua como ação social* em uma retomada que estabelece uma informatividade e uma recontextualização da expressão referencial.

Nos artigos acadêmicos, foi observado que as expressões referenciais metadiscursivas interpessoais se manifestam de uma forma mais velada, mais contida do que nos artigos de opinião. Resguardadas as estratégias discursivas peculiares a cada um destes gêneros, mas tentando observar o modo de posicionamento do autor/enunciador, depreendeu-se da análise que em ambos os gêneros podem-se detectar traços lingüísticos do ato de persuasão empreendido por este. Veja-se o exemplo.

(57) (...) **Esse tratamento** expressa com maior clareza o que entendemos por *prefixação composicional*, ou seja, PCs estão sujeitos aos dois processos, cada um a seu tempo.

Outra questão problemática que se coloca é a seguinte: *sendo um elemento composicional, inserido no primeiro nível do léxico para receber acento, por que não sofre flexão no nível 2?* (...)

Observe-se que, no exemplo (57), o sintagma *Outra questão problemática* atribui uma valoração sobre o tema apresentado.

Nos artigos de opinião, os marcadores interpessoais aparecem de forma bem ressaltada; são formas que o enunciador usa para demonstrar seus posicionamentos e para fazer com que o co-enunciador os aceite. Observamos neste gênero todas as categorias do metadiscurso interpessoal inseridas nas expressões referenciais. Veja-se um exemplo destas ocorrências.

(58) (...) **Esse xadrez de alta complexidade e muitas suscetibilidades** que torna o Iraque **uma verdadeira armadilha** para Washington, **cujos desdobramentos** irão muito além do mandato de George W. Bush. (...)

(artigo de opinião)

Neste trecho de artigo de opinião, o conflito no Iraque é retomado ao longo do texto por expressões recategorizadoras com alto teor avaliativo, sugerido pela adjetivação empregada pelo autor/enunciador dentro das recategorizações. Observou-se ainda o auxílio de expressões metadiscursivas na identificação da função metadiscursiva nas retomadas. Neste sentido, as expressões apresentadas por Hyland (1998) e seus

correspondentes sinônimos, quando observados nos períodos, indicavam a possibilidade de uma expressão referencial exercer a função interpessoal, ou textual.

Este fenômeno pode ser observado a partir de uma análise comparativa entre textos oriundos do âmbito acadêmico e textos que circulam nas mídias. O tratamento de um mesmo tema em dois gêneros distintos - o artigo de opinião e o artigo científico - pode ser observado a partir dos seguintes exemplos:

(59) O professor Pasquale publica, no Correio Popular (Campinas) de 10/12/2006, um [texto](#) que pretende ser sobre a pronúncia correta de certos verbos (*raptar, captar, adaptar, impregnar, resignar, optar, decapitar*). Começa, como outras vezes, mencionando como mote um verso de música popular (*rapte-me, camaleoa*).

Resumindo, diz ele que todos já devem ter ouvido alguma forma desses verbos pronunciada como se houvesse um “i” depois do “p”: *opíto, por exemplo*; e, lógico, opição. Diz que, provavelmente, usamos **essas flexões** porque pronunciamos a forma infinitiva desses verbos como se ela contivesse um “i” (*opitar* etc.).

Recomenda fortemente que **essas formas** não sejam usadas no português padrão, e nos avisa que, no entanto, devemos dizer *decapitar* e *decapito*, porque **esse verbo** tem mesmo o tal “i”.

Pasquale mexe em **um fato muito interessante do português**. Um levantamento dos tipos de sílaba existentes na língua mostra, sumariamente, que elas são de vários tipos: ou são compostas de uma só vogal (*a.cei.to*), ou de uma vogal e de uma consoante (*a.cei.to*), de duas consoantes e uma vogal (*fru.ta*), de uma vogal mais uma semivogal (*a.cei.to*) etc. **O que** importa não é uma lista completa, mas certas restrições. Por exemplo, sílabas do tipo de duas consoantes mais uma vogal (*fru.ta*) só aceitam como segunda vogal o “r” e o “l”. Finais de sílabas aceitam “r”, “l”, “s” e nasais (*mar.telo, mal.doso, mas.tiga, men.te/tem.po*). Quando é o caso, a **esses padrões** se pode acrescentar a marca de plural, o que dá um final de sílaba um pouco mais complexo: *maus*, por exemplo. Vou deixar de lado as nasais, porque elas se constituem **num problema muito particular**. Todos sabemos que não se pronuncia um “m” ou um “n” e muito menos um “nh” em final de sílaba, mas uma semivogal (y ou w). Tente dizer *bem* e *bom* e você perceberá isso claramente.

Sendo assim, as sílabas que terminam (ou terminariam) em /p, t, q, b, d, g/ são atípicas. Em seu *História e estrutura da língua portuguesa*, (Rio, Padrão, 1975), [Mattoso](#) chega a dizer que “na língua semi-popular (ou oral coloquial), não existem **esses grupos**” (p. 63). Na verdade, também não existem os grupos com /f/ em final de sílaba — ou seja, todas as que terminariam com um som obstruinte (para cuja produção há uma obstrução na boca para a saída do ar). Também são muito atípicas sílabas

nas quais essas consoantes ocupariam posições intermediárias (**obs.**tinado, **adj.**etivo etc).

O que é que o português falado faz com **essas sílabas**? Acrescenta uma vogal: assim, palavras como *afta*, *adjetivo*, *significar* etc. se tornam [á.fi.ta, a.di.je.ti.vo, si.gui.ni.fi.car] etc. Ou seja, sílabas que seriam do tipo *af.* ou *ad.* ou *sig.* se reestruturam. Cada uma delas torna-se duas, todas com estrutura bem assentada na língua: a.fi., a.di., si-gui. A “**regra**” atinge também palavras cuja escrita pode nos enganar: por exemplo, *táxi* e *sexo* são, de fato /tak-si/ e /sek-so/ e se tornam /táquisi/ e /séquisso/, e palavras estrangeiras, como *snob*, que deu /es.no.be/, com um acréscimo no começo e outro no final, mudando uma palavra que tem só uma sílaba em inglês para uma palavra que tem três em português. É o **que** Mattoso acrescenta (Pasquale cairia de costas): “Assim, um verbo como *ritmar* se conjuga no presente singular *ritimo*, *ritimas*, *ritima...*”. Com **uma conseqüência** a mais: se as formas recebessem só a vogal, às vezes se tornariam proparoxítonas (rítmicas). Mas acontece com elas **outra mudança**, algumas vezes, e há também um deslocamento do acento. Daí *ritímo*, *ritímas* etc. e o tal de *opíto*, que Pasquale combate (o acento, **aqui**, se destina a marcar a tônica e não uma alteração também da grafia, que, evidentemente, continua como sempre, isto é, *opto*, *ritmas* etc). Mas **esse deslocamento de acento** não ocorre sempre. Por exemplo, *afta* nunca resulta em *afíta*, sempre em *áfita*.

Em suma: há exemplos de **padrões silábicos óbvios** na escrita que não se sustentam na fala. **Os casos mais evidentes** são do tipo táxi, que, na escola, aprendemos a dividir como se fossem duas sílabas CV: tá-xi. Que Pasquale está falando de escrita — ou tomando a escrita como modelo — fica claro até demais quando escreve: “muita gente flexiona esses verbos como se no infinitivo houvesse um ‘i’ (‘ui’, na verdade)”. Ora, o “u”, em palavras como sangue, está aí apenas para indicar a pronúncia do “g” (daí, estendeu-se também a palavras como *quina*).

Indo um pouco adiante, pode-se dizer que se trata de **casos de variação** — ou seja, que há falantes que acrescentam a vogal claramente, outros que nem tanto. Dito de outra forma, constatam-se no português as duas variantes: *opto* e *opito*. Se a forma básica é *opito*, encontram-se dela duas pronúncias: com acento na penúltima ou na antepenúltima sílaba: *ópito* ou *opíto*.

O que talvez seja mais interessante é o fato de que, para muitos falantes, só existe uma forma, e ela é forma, digamos, nova: *opíto*. Ou seja: muita gente conhece a variação, as duas formas, e as usa conforme o contexto, ou usa somente uma delas. Mas muita gente só conhece uma. É bastante comum que **isso** ocorra.

Recentemente, assistindo a uma defesa de tese cujo tema era o destino das formas consideradas características do dialeto caipira por Amadeu Amaral (quem nunca leu [O dialeto caipira](#), desse autor, não sabe o que perdeu), ouvi de uma professora que fazia parte da banca que uma

pesquisa entre universitários em determinada região do Paraná mostrou que, para muitos, pronúncias como *palhaço* e *paiáço* são corretamente avaliadas como padrões e não-padrões, respectivamente, mas que, para algumas palavras (como *reio*, por *relho*), a pronúncia padrão era completamente desconhecida. Ou seja, muita gente nunca ouviu a forma padrão *relho* em sua vida, e diz *reio* achando que é uma palavra do tipo *teia* (de aranha).

Não muito tempo antes, há cerca de dois meses, participei de uma mesa redonda ao lado de colegas cujá formação sofisticada é indiscutível, e ouvi de um deles, mais de uma vez, a forma *desiguína* (o tema eram os pronomes pessoais). Ou seja, se alguém disser a esse professor que “o correto é *desígna*”, com acento na segunda sílaba, ele vai achar muito estranho. E vai dizer que nunca ouviu ...

Finalmente, Pasquale provavelmente comete um erro ao dizer que pronunciamos algumas formas verbais de certa maneira porque achamos que o infinitivo contém um “i”. Ou seja, ela acha que derivamos as formas flexionadas do infinitivo. **A hipótese mais provável** é que a **regra** que reestrutura as sílabas funciona independentemente de formas de base a cada vez que **o fato** ocorre. É por isso, entre outras coisas, que **o mesmo fenômeno** ocorre com formas infinitivas, com formas finitas e também com palavras que nada têm a ver com verbos, inclusive estrangeiras, como *áfita* / *séquisso*, **no primeiro caso**, e *hoti-dogui* (hot-dog) ou *futebol* (de foot bal), **no segundo**.

(Artigo de opinião)

Neste artigo de opinião, as expressões metadiscursivas conduzem o leitor a uma compreensão presumida de que a variação dialetal é um aspecto positivo da língua. Para isso, o enunciador/escritor se vale de interferências no discurso marcadas por observações como em *começa, como em outras vezes*, (...). A expressão *como em outras vezes* marca uma intromissão do enunciador que interfere no percurso do texto para desviar ou chamar a atenção do co-enunciador para algum aspecto ainda não revelado. No quadro das funções metadiscursivas descritas por Hyland (1998a), este é um marcador relacional. Há, neste artigo, uma frequência relevante de marcadores interpessoais como os que podemos ver em *Tente dizer ‘bem’ e ‘bom’ e você perceberá isso claramente*, em que o autor tenta, através da referência direta ao interlocutor e da forma enfática *claramente*, estabelecer explicitamente uma interação com o leitor.

A fim de ressaltar o comportamento dos marcadores em artigos científicos, do ponto de vista das estratégias de persuasão empregadas pelo enunciador, reproduzimos a seguir trechos de um texto deste gênero:

(60) (...) Se fosse perguntado ao leitor em que situações a palavra *oi* é empregada, é bem provável que a resposta fosse: em situação de cumprimento e de chamamento. Alguém, mais versado na gramática normativa, talvez até pudesse lembrar seu nome: interjeição.

(...)Entre as classificações apresentadas é comum encontrar **as seguintes**: de alegria; de animação; de aplauso; de desejo; de dor; de chamamento; de espanto; de suspensão; de medo.

A que serve essa explanação sobre a interjeição, considerando-se os objetivos deste texto? Na verdade, é o ponto de partida para buscar, no uso corrente da língua, um emprego diferenciado da palavra *oi*. Há muitos outros exemplos de variação no emprego de termos, com estudos mais aprofundados. (...)

Existem estudiosos debruçados sobre fenômenos semelhantes ao que servirá, aqui, de exemplo, analisando esse processo ao qual se dá o nome de discursivização. O termo discursivização está sendo **aqui** empregado no sentido que lhe é atribuído por alguns autores. Considerada como um processo especial de mudança lingüística, a discursivização

Esse reconhecimento contribui para invalidar uma afirmativa corrente na sociedade, reforçada por alguns segmentos da mídia televisiva e impressa, de que os brasileiros são “*relapsos*”, “*preguiçosos*” e “*desrespeitosos*” com a língua portuguesa. Aceitando-se que a língua se transforma pelo uso, e que varia em toda comunidade, não cabem mais **afirmativas como essa**.

Como foi dito anteriormente, quanto mais distante do padrão estabelecido, mais estigmatizada é uma variação. É interessante, porém, um fato para o qual os falantes não parecem atentar. Qualquer falante de uma língua incorre em “*erros*” se é tomado como referência um padrão ideal. Na verdade, um padrão abstrato, que não sofre, imediatamente, as variações decorrentes do uso real da língua.

Acontece, porém, que existem “*erros*” que chocam e “*erros*” que não chocam. Começamos pelos que não chocam. Em uma situação informal, praticamente não se nota que houve um “*erro*”, se ouvimos alguém dizer: *tá fazeno frio*. Por outro lado, são considerados ignorantes aqueles que dizem: *nós foi* ou *os menino chegou*. Por que isso ocorre? (...)

Que inflexibilidade é essa que vale para alguns e que não vale para todos? O que justifica afirmar que determinadas pessoas “*não sabem falar português*”?(...)

E como se aprende uma língua? O ser humano já nasce com a capacidade para aprender a falar. **Uma aprendizagem** que só se dá se este ser humano estiver em contato com outros. **Uma explicação** para a

rapidez com que uma criança aprende a falar é a de que o ser humano já nasce com uma gramática universal, o que justificaria a facilidade com que consegue depreender as regras que definem como as formas lingüísticas se articulam, sabendo diferenciar o emprego de várias delas em diferentes situações comunicativas.

Desde que não sejam portadoras de nenhum impedimento fisiológico ou emocional todas as crianças aprendem a falar. E fazem coisas extremamente criativas, demonstrando as hipóteses que vão levantando a partir do que ouvem e observam. Exemplo disso é o emprego de **formas como** “sabo” e “fazi”. Sabo se refere à forma criada para a primeira pessoa do presente do indicativo do verbo saber. Por analogia com a forma regular para a primeira pessoa, quer seja da primeira, segunda ou terceira conjugação, constituída pelo radical mais a desinência número pessoal -o, a crianças faz essa transferência da regra. Como ouve cant-o, vend-o, part-o, utiliza sab-o. Reflexão semelhante, ela faz ao empregar formas como fazi. Neste caso, também de irregularidade do verbo fazer, mais uma vez utiliza-se do que já aprendeu sobre o emprego dos verbos regulares, comprovando que pensa, enquanto aprende.

(...) **Um outro aspecto** que contribui para **essa discussão**, especialmente no que se refere à idéia falsa de alguns de que existem brasileiros que não sabem falar português, diz respeito à forma como a linguagem se constitui.(...)

(Artigo de opinião)

Neste artigo científico, as expressões metadiscursivas interpessoais mais observadas são as enfáticas, como é o caso de *é verdade, na verdade* e *é comum*. As formas em negrito como *as seguintes, aqui, esse reconhecimento, afirmativas como essa* constituem expressões que, por organizarem o conteúdo proposicional para o leitor/co-enunciador, são metadiscursivas, no entanto, são observáveis suas características dêiticas (*as seguintes, aqui*) e anafóricas (*esse reconhecimento, afirmativas como essa*).

A classificação proposta por Hyland parte da consideração de que os aspectos do discurso, além de serem sempre destinados a uma audiência específica, atendem a propósitos sociais, como, por exemplo, a divulgação do conhecimento na comunidade acadêmica. O metadiscurso é desdobrado, então, segundo a multifuncionalidade que se lhe configura característica. A distribuição nos tipos textual e interpessoal feita por Hyland é realizada a partir desta observação de que o metadiscurso é uma categoria que pode ser materializada através de inúmeros dispositivos lingüísticos (desde a pontuação e as marcas tipográficas a períodos e sentenças inteiras). Por esta razão, afirma Hyland,

somente as marcações lingüísticas não podem distinguir o metadiscurso do discurso proposicional, pois tudo está relacionado a itens de outras partes do texto.

3.4 Proposta para análise crítico-discursiva das ERM.

Admitindo que as expressões referenciais metadiscursivas exercem funções interativas que visem, ou do ponto de vista lingüístico, ou do ponto de vista ideológico, a organizar os conteúdos textuais, reconhece-se o alto potencial axiológico de tais manifestações. É por esta razão que conceitos como posicionamento, engajamento, persuasão, escritor/enunciador e leitor/co-enunciador aparecem nesta pesquisa. Eles representam elementos primordiais para a compreensão dos processos enunciativos e discursivos envolvidos nas estratégias de textualização, na medida em que pretendemos também discutir os resultados.

A interpretação do conteúdo axiológico das expressões referenciais metadiscursivas será, então, realizada segundo as definições de discurso de Fairclough (2001), para quem existem três aspectos constitutivos do discurso. O primeiro aspecto contribui para a construção de identidades sociais e para as posições de sujeito; o segundo constrói relações sociais; o terceiro e último ajuda na elaboração dos sistemas de internalização de costumes e crenças.

Considerando a afirmação de Hyland (1998, p. 441) de que o metadiscurso auxilia na compreensão do modo como os autores organizam seus argumentos, pode-se estabelecer que as expressões referenciais consideradas como marcadores metadiscursivos de reformulação permitem ao leitor não somente apreender o sentido veiculado no texto, mas avaliar as estratégias utilizadas pelo autor. Nessa perspectiva, uma questão se coloca, mediante essas observações: se esses mesmos marcadores metadiscursivos e as expressões referenciais, cujo sentido remete o leitor a instâncias ideológicas, permitem abstrair desse texto um outro significado além daquele pretendido pelo autor/enunciador.

Sobre essa questão, Crismore (1990) comenta que um autor, ao produzir um texto, faz seleções lexicais que lhe permitem demonstrar ao leitor a veracidade de seus argumentos. Cabe ao leitor deixar-se persuadir ou argumentar contra as informações recebidas. Por estar em acordo com essa perspectiva, esta é uma noção que se pretende considerar aqui.

A seguir, estão relacionados os marcadores metadiscursivos conforme descreve Hyland (1998) com suas consecutivas funções e exemplos.

Funções do metadiscurso em textos acadêmicos

Categoria	função	exemplos
Metadiscurso textual		
Conectivos lógicos	Expressar relações semânticas entre orações principais	Em adição / mas / por isso / assim, dessa maneira / e /
Marcadores de enquadramento	Referir-se explicitamente a atos de discurso ou estágios do texto	finalmente / para repetir / nosso objetivo aqui/ tentamos
Marcadores endofóricos	Referir-se a informações em outras partes do texto.	Notado acima / veja Fig 1 / quadro 2
Marcadores evidenciais	Referir-se à fonte de informação de outros textos	De acordo com X /Y. 1990
Marcadores reformulativos	Ajudar leitores a compreender significados de material ideacional	A saber / exemplo / em outras palavras / tais como
Metadiscurso interpessoal		
Formas modalizadoras	Demonstrar o compromisso do escritor com as afirmações apresentadas no texto	poder / talvez / é possível / sobre
Formas enfáticas	Enfatizar a certeza do escritor quanto à mensagem	De fato / definitivamente / está claro / óbvio
Marcadores de atitude	Expressa a atitude do escritor em relação ao conteúdo proposicional	Surpreendentemente / concordo / X afirma
Marcadores relacionais	Referir explicitamente ou construir o relacionamento entre escritor e leitor	Francamente / notou-se que / você pode ver
Marcadores pessoais	Referir explicitamente ao autor.	eu / nós/ meu/ nosso

Tabela 2. funções metadiscursivas (modelo inspirado na descrição de Hyland (1998).

O quadro acima esboça o plano de classificação das funções metadiscursivas idealizado por Hyland (1998). Este quadro representa a divisão do metadiscurso em duas grandes funções: a textual, que diz respeito ao tipo de forma metadiscursiva

empregada para estabelecer elos coesivos no texto, e a interpessoal, representada por expressões que promovem um elo de aproximação entre o escritor e o seu leitor. Embora os marcadores relacionados por Hyland como formas paradigmáticas para a identificação das expressões metadiscursivas não apresentem expressões anafóricas ou dêiticas, acredita-se que, considerado o co(n)texto em que estas expressões ocorrem, pode-se verificar que estas exercem as funções descritas acima. Nesse sentido, o quadro acima organizado com base na descrição de Hyland será usado no estudo de forma a que os espaços destinados aos exemplos sejam preenchidos pelas expressões referenciais identificadas nos artigos. Isso não significa dizer que se está a propor uma ampliação do quadro, mas uma classificação aberta, constitutivamente instável, que só se completa e só se classifica *ad hoc*, a cada enunciação, em contextos particulares.

A partir da classificação proposta por Cavalcante (2004b, 2004c), esquematizamos as principais características das introduções referenciais:

Introduções referenciais	Função
Não-dêiticas	Não pressupõem nem tempo nem espaço, nem pessoa. Introduzem um referente no discurso.
Dêiticas	Além de introduzirem um referente novo, situam-no com base nas coordenadas dêiticas de tempo, espaço ou pessoa.
Dêitica pessoal	Identificam o enunciador e o co-enunciador.
Dêitica social	Identifica os papéis sociais assumidos pelos participantes da enunciação.
Dêitica espacial	Indicam o local da enunciação através do emprego de expressões que remetam a aspectos de localização espacial
Dêitica temporal	Indicam o tempo da enunciação através do emprego de expressões que remetam a aspectos de tempo
Dêitica memorial	Indica inespecificamente elementos que possibilitam a recuperação do referente

	na memória do co-enunciador.
Dêitica textual	Indica o espaço próprio da enunciação, situando os elementos no co(n)texto.

Tabela 3. Introduções referenciais (Baseada na classificação de Cavalcante, 2004c).

No que se refere à consideração destas descrições, mais dois elementos, acrescentados por Cavalcante (2004c) à sua classificação, devem ser considerados no momento da análise: o conhecimento compartilhado e a situação empírica. O primeiro é um requisito necessário à recuperação de significado das formas não-dêiticas e dêiticas de memória; a segunda está relacionada ao processo de significação das demais categorias dêiticas. Estas distinções permitem uma análise mais substancial dos processos dêíticos

Também com base na classificação e na definição das expressões referenciais propostas por Cavalcante (2004b), elaborou-se o seguinte esquema para servir de apoio à análise.

Continuidades referenciais	Descrição/função
ANÁFORAS COM RETOMADA	Retoma o antecedente explícito no texto.
Anáfora correferencial(total)	Designa o mesmo referente
Anáfora correferencial co-significativa	Reitera termos, reafirmando seu estatuto
Anáfora correferencial recategorizadora	Apresenta o referente já materializado no texto sob uma nova perspectiva.
ANÁFORA PARCIAL	Apresentam-se precedidas de um quantificador.

Anáfora parcial co-significativa	
ANÁFORAS SEM RETOMADA/INDIRETAS	Não apresentam correferencialidade; apresentam um referente que, embora não retome explicitamente nenhum termo, caracteriza-se por remeter a algum elemento do co(n)texto.
Anáfora indireta com recategorização de um novo referente	Retoma elementos e os apresenta como se fossem entidades autônomas.
Anáfora indireta com recategorização lexical implícita	Recategoriza o referente elidido no co(n)texto
Anáfora indireta com recategorização lexical	Recategoriza um referente por processo meronímico.
Anáfora encapsuladora	Sintetiza em uma expressão referencial porções discursivas anteriores.
Anáfora encapsuladora com dêitico	Resume proposições anteriores do discurso por formas híbridas: anafóricas ou/e dêiticas.

Tabela 4. Continuidades referenciais (esquemática da classificação de Cavalcante, 2004c).

3.4.1 Proposta metodológica para uma análise crítico-discursiva do texto a partir das ERM

Com base em algumas das categorias da Análise Crítica do Discurso, delineou-se uma proposta de interpretação do conteúdo axiológico das ERM. Trata-se, sobretudo, de uma pequena contribuição teórica que objetiva oferecer um mecanismo de

compreensão textual a partir da verificação dos posicionamentos assumidos pelo enunciador. Neste sentido, aparecem os principais pressupostos da ACD que são descritos a seguir.

Fairclough (1992) propõe um modelo tridimensional de análise crítica discursiva em que cada evento seja observado sob três ângulos ou dimensões que se complementam: como *texto*, como *prática discursiva* e como *prática social*.

Na análise do texto, são descritos os elementos lingüísticos, incluindo o léxico, as opções gramaticais, a coesão e a estrutura do texto; a análise como prática discursiva se concentra em interpretar o texto em termos, considerando para tanto aspectos de sua produção, distribuição e do consumo pelos leitores. É objetivo também, neste procedimento, discutir a coerência e, conseqüentemente o sentido, e ainda as intenções do texto e a sua interdiscursividade; a dimensão de análise de um evento discursivo como prática social subordina a análise à consideração de aspectos sociais relacionados às formações ideológicas e às formas de hegemonia.

A primeira categoria analítica apresentada é a *intertextualidade*, em seguida, vem a categoria *representação de atores sociais*.

O foco de uma análise que tenha em conta a intertextualidade permite que o texto seja observado a partir de um determinado contexto histórico; esse procedimento permite que se perceba a incorporação de elementos trazidos por outros textos. O conhecimento, as ideologias e os processos sociais são, então, entendidos a partir de uma contínua recontextualização.

Fairclough (2001) classifica a intertextualidade em intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva/interdiscursividade. A primeira é percebida quando no texto, as marcas de referência a outros textos são explícitas; a segunda é passível de observação mediante os elementos das ordens do discurso.

Outros elementos importantes para uma análise empreendida a partir de uma observação intertextual são a pressuposição, a negação, o metadiscurso e a ironia. As características dos processos intertextuais mencionadas por Fairclough são, agora, brevemente apresentadas:

As *pressuposições* apresentam características de manipulação do leitor/co-enunciador, uma vez que o autor/enunciador pode organizar seu texto de modo a convencer o seu co-enunciador; as *frases negativas* objetivam contradizer ou subverter o texto fonte da intertextualidade; o *metadiscurso* é uma forma típica de intertextualidade manifesta. Através dele, o enunciador revela diferentes níveis em seu

próprio texto, provocando um efeito de distanciamento do ato enunciativo e do próprio enunciado.

Os modos como o metadiscorso se realiza na concepção da ACD podem ser descritos como utilização de expressões evasivas (“espécie de”, “tipo de”); uso de expressões de um outro texto ou convenção particular, ou metafóricas (“em termos científicos”, “falando metaforicamente” etc); uso de paráfrase ou de reformulação de uma expressão (“cultura empresarial” por “empreendimento”).

A representação dos atores sociais é uma categoria analítica que permite observar os posicionamentos ideológicos e as atividades destes atores. A referência a tais atores, ou o modo como esta referência é feita, pode indicar julgamentos de valores que a sociedade, representada na voz do enunciador, faz deste ator. Alguns dos atores sociais citados por Resende e Ramalho (2006) são Osama bin Laden, George W. Bush e Saddam Hussein.

Esta categoria permite que o discurso seja analisado a partir de duas perspectivas, a personalização e a impersonalização, estas se subdividem ainda em: nomeação, categorização, generalização, agregação, coletivação e autonomização do enunciado, conforme se vê em Resende e Ramalho (2006).

Esta nomenclatura e classificação, proposta por van Leeuwen (1997), divide a representação do ator social em duas formas: uma, em que ele é nomeado, há aí a sua identificação por um, ou mais de um, dos recursos mencionados acima, é a personalização; e outra forma em que há uma realização lingüística que representa o ator social através de uma referência ao seu enunciado. Assim, pode-se observar esta modalidade em construções como “o relatório afirmou” ao invés de “o ministro afirmou”.

Estas categorias foram apreendidas do modelo tridimensional, proposto por Fairclough (2001), que pode ser mais bem observado a partir do seguinte quadro elaborado pelo autor:

Quadro 01 – Análise do texto

ELEMENTOS DE ANÁLISE	TÓPICOS	OBJETIVOS
-----------------------------	----------------	------------------

Controle interacional Estrutura textual	Geral	Descrever as características organizacionais gerais, o funcionamento e o controle das interações.
	Polidez	Determinar quais as estratégias de polidez são mais utilizadas na amostra e o que isso sugere sobre as relações sociais entre os participantes.
	<i>Ethos</i>	Reunir as características que contribuem para a construção do eu ou de identidades sociais.
Coesão	Geral	Mostrar de que forma as orações e os períodos estão interligados no texto.
Gramática	Geral	Trabalhar com a transitividade (função ideacional da linguagem), tema (função textual da linguagem) e modalidade (função interpessoal da linguagem).
	Transitividade	“Verificar se tipos de processo [ação, evento...] e participantes estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significativa é a nominalização dos processos” (Fairclough, 2001: 287.)
	Tema	Observar se existe um padrão discernível na estrutura do tema do texto para as escolhas temáticas das orações.
	Modalidade	Determinar padrões por meio da modalidade, quanto ao grau de afinidade expressa com proposições.

Vocabulário	Significado de palavras	Enfatizar as palavras-chave que apresentam significado cultural, as palavras com significado variável e mutável, o significado potencial de uma palavra, enfim, como elas funcionam como um modo de hegemonia e um foco de luta.
	Criação de palavras	Contrastar as formas de lexicalização dos sentidos com as formas de lexicalização desses mesmos sentidos em outros tipos de textos e verificar a perspectiva interpretativa por trás dessa lexicalização.
	Metáfora	Caracterizar as metáforas utilizadas em contraste com metáforas usadas para sentidos semelhantes em outro lugar, verificar que fatores (cultural, ideológico, histórico etc) determinam a escolha dessa metáfora. Verificar também o efeito das metáforas sobre o pensamento e a prática.

Quadro 1 (FAIRCLOUGH, 2001).

O quadro 02 apresenta uma síntese da análise da prática social, considerando-se o que expõe Fairclough acerca do tema.

Quadro 02 – Análise da prática social

ELEMENTOS DE ANÁLISE	OBJETIVOS
Matriz social do discurso	“Especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática

	social e discursiva; como essa instância aparece em relação a essas estruturas e relações [...]; e que efeitos ela traz, em termos de sua representação ou transformação?” (Fairclough, 2001: 289-290).
Ordens do discurso	Explicitar o relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela descreve e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discurso para as quais colaborou.
Efeitos ideológicos e políticos do discurso	Focalizar os seguintes efeitos ideológicos e hegemônicos particulares: sistemas de conhecimento e crença, relações sociais, identidades sociais (eu).

Quadro 2 (FAIRCLOUGH, 2001).

Fairclough elabora, para a aplicação da análise discursiva, o seguinte quadro:

Quadro 03 – Análise da prática discursiva

PRÁTICAS DISCURSIVAS	TÓPICOS	OBJETIVOS
-----------------------------	----------------	------------------

Produção do texto	Interdiscursividade	<p>Especificar os tipos de discurso que estão na amostra discursiva sob análise, e de que forma isso é feito.</p> <p>“É a amostra discursiva relativamente convencional nas suas propriedades interdiscursivas ou relativamente inovadora?” (Fairclough, 2001: 283).</p>
	Intertextualidade manifesta	<p>Especificar o que outros textos estão delineando na constituição do texto da amostra, e como isso acontece.</p> <p>Como ocorre a <i>representação discursiva</i>: direta ou indireta? O discurso representado está demarcado claramente? O que está representado: contexto, estilo ou significado ideacional? Como <i>as pressuposições</i> estão sugeridas no texto?</p>
Distribuição do texto	Cadeias intertextuais	<p>Especificar a distribuição de uma amostra discursiva através da descrição das séries de textos nas quais ou das quais é transformada.</p> <p>(Quais os tipos de transformações, quais</p>

		as audiências antecipadas pelo produtor?).
Consumo do texto	Coerência	Considerar as implicações interpretativas das particularidades intertextuais e interdiscursivas da amostra. Como os textos são interpretados e quanto de trabalho inferencial é requerido.
Condições da prática discursiva	Geral	<p>Especificar as práticas sociais de produção e consumo do texto, ligadas ao tipo de discurso que a amostra representa.</p> <p>A produção é coletiva ou individual?</p> <p>Há diferentes estágios de produção?</p> <p>“As pessoas do animador, autor e principal são as mesmas ou diferentes?” (Fairclough, 2001: 285).</p>

Quadro 3 (FAIRCLOUGH, 2001).

A intertextualidade e a representação dos atores sociais constituem então as categorias da ACD que foram utilizadas para interpretar, a partir das ERM, os posicionamentos assumidos pelo enunciador no texto. Foi feita uma análise introdutória, ressaltando elementos do contexto histórico-social em que se deu a produção do texto a fim de prevenir o leitor/co-enunciador de fatores lingüísticos e extralingüísticos indispensáveis ao processo de construção de sentido do texto, a partir disso, objetivou-se descrever alguns aspectos ideológicos presentes nos textos.

3.6 Sugestão de consideração crítico-discursiva do conteúdo axiológico das ERM

Apresentadas as categorias fundamentais em que se enquadram as expressões metadiscursivas, a classificação que se pretende empregar para o reconhecimento das expressões referenciais e ainda considerados os fatores inerentes ao fazer discursivo, conforme alguns pressupostos da ACD, discorre-se, neste momento, sobre como poderiam ser analisadas as ERM segundo a proposta aqui apresentada.

O primeiro texto apresentado é um artigo de opinião em que se pode observar claramente o emprego das expressões referenciais metadiscursivas que aparecem em negrito.

(61)“DEPOIS DA CAMPANHA

A onda antimídia

Esta onda antimídia está ganhando proporções de **verdadeiro linchamento**. E como vivemos na era da Internet, trata-se de **um linchamento digital. Digital, mas não virtual. Linchamento como todos: agressivo, delirante, sumário e, sobretudo, covarde**, produzido por um rancor *jamais visto entre nós*.

Na quinta-feira (2/10), na *Folha de S.Paulo*, a colunista de política Eliane Cantanhêde denunciou a avalanche de **e-mails ofensivos e ameaçadores** que atulha a caixa postal de jornalistas e de veículos. Ela não é a única vítima **desta insanidade**. **As mensagens** são *evidentemente* enviadas por militantes petistas, mas não se sabe se fazem parte da facção dos **"aloprados"** mencionada pelo presidente Lula. Certo é que se distanciaram da bandeira do "paz e amor" que deu a vitória ao PT, em 2002. **Gente assim**, que aposta no vale-tudo, foi capaz de comprar o Dossiê Vedoin para divulgá-lo às vésperas do primeiro turno e agora reclama porque a imprensa acompanhou **os seus lances**.

A razão do ministro

O estouro da manada nunca acontece por acaso. Alguém o provoca. **Neste episódio**, *é possível* que alguém o esteja orquestrando através dos ressentimentos fabricados no momento em que se levou a mídia para os palanques eleitorais, e **os** transformaram em **justiçamentos sumários**. São **os aprendizes de feiticeiros** que sabem como criar um clima de quebra-quebra, mas não sabem como evitar **as vítimas fatais**. **Neste caso**, a vítima é o respeito humano e também o Estado de Direito.

A verdade é que cinco dias depois da espetacular façanha eleitoral, **seus vencedores** estão mais preocupados com o panorama político pós-eleitoral do que estavam antes da votação. E não é por causa da oposição. Também não é por causa da disputa interna em torno da política econômica. **A violência antimídia** – seja ela física ou digital – mostra que o ministro Tarso Genro tem razão quando lembra que há "resíduos de autoritarismo" em militantes do PT.

Não foi apenas o PT que sofreu o rigor da ditadura, mas uma ala do PT parece disposta a reavivar o seu clima de terror e intimidação.”

(Artigo de opinião).

Os itens em destaque, em negrito, no exemplo (61), configuram uma série de termos, a nosso ver, referenciais metadiscursivos. O termo *depois da campanha*, que aparece logo acima do título do artigo, faz parte do texto e localiza o momento da enunciação temporalmente. Do ponto de vista metadiscursivo admitido aqui, este termo é um marcador endofórico, que remete a informações de outras partes do texto, se considerarmos o discurso como uma instância atravessada por múltiplos discursos, conforme se preconiza na análise do discurso francesa, pois, mesmo que o texto se inicie materialmente aí, ele remete a uma situação anterior, ou a uma outra instância discursiva já em andamento. Do ponto de vista da referência, é um dêitico de tempo, pois informa ao co-enunciador o momento da enunciação a partir do tempo em que foi enunciado o texto. A partir disso, todas as informações extralingüísticas necessárias à compreensão do sentido pretendido no texto podem começar a ser processadas sócio-cognitivamente.

Embora retome o subtítulo, a expressão introdutória *esta onda antimídia* é uma anáfora interpessoal relacional, pois aí a mensagem é repassada como se o co-enunciador já conhecesse o tema do artigo. Esta também pode representar uma estratégia de envolver o leitor de forma a persuadi-lo. Neste artigo, “a onda antimídia” é sempre recategorizada lexicalmente, de forma que se percebe uma gradativa ênfase no aspecto negativo do ato narrado. Estas retomadas apresentam forte teor axiológico e caracterizam, por isso, uma grande presença de formas atitudinais nas anáforas em negrito.

É através destas estratégias que o enunciador visa a conquistar o co-enunciador e convencê-lo do seu posicionamento. Pode-se acrescentar, ainda, considerando alguns pressupostos teóricos da ACD, que esta seleção lexical do

enunciador para a expressão dos referentes está subordinada a um posicionamento de reação a um evento que se configurou a partir da campanha de reeleição do presidente Lula. Neste sentido, a conjuntura relativa a tais fatos remete a uma transformação social operada no Brasil, em que as condições de produção do texto se deram a partir de um processo de transição do poder político, no caso, a substituição dos partidos de direita pelos de esquerda.

Como o objetivo neste momento da pesquisa foi analisar as ERM e indicar como os posicionamentos do enunciador são flagrados no texto, analisou-se os eventos discursivos através da categoria da intertextualidade e da noção de recontextualização responsável pela temática do texto, em seguida, associou-se a categoria da *representação de atores sociais* à noção de recategorização na medida em que esse processo informa o leitor sobre o posicionamento do autor em relação ao evento discursivo.

Neste texto, percebeu-se, ainda, que inúmeras vozes se manifestam e remetem a aspectos dessa mudança social ocorrida no Brasil. Entrevê-se, então, uma interdiscursividade que é percebida através de expressões que ativam na memória do leitor um conhecimento prévio de instâncias sociais que remetem aos fatores violência, injustiça, covardia. Todos estes recursos interpessoais se organizam no texto de modo a convencer e a obter uma adesão. Estão presentes neste enunciado os discursos antiviolência, quando o autor/enunciador escolhe os termos como: *Linchamento como todos: agressivo, delirante, sumário e, sobretudo, covarde*; o discurso psicológico pode ser percebido nas expressões *desta insanidade* e *"aloprados"*; o discurso do estranhamento: *Gente assim e seus lances*; neste caso, dizemos “estranhamento” por se tratar de uma fala própria do enunciador que quer demonstrar o distanciamento ideológico do objeto-de-discurso que está construindo; o discurso antiterrorista: *terror e intimidação*.

Percebe-se que há uma recontextualização destes discursos: o discurso que unifica tematicamente o artigo é o da não-violência, mas o status de agressividade da escolha lexical, no entanto, deixa transparecer um posicionamento não exatamente pacifista. Observe-se no quadro seguinte a esquematização de como estes discursos foram aqui observados:

Realizações lingüísticas		Vozes representadas
Discurso direto	"resíduos de autoritarismo"	Mídia brasileira Militantes petistas

		respeito humano Estado de Direito Vencedores da eleição Ministro Tarso Genro O PT
Discurso indireto	a colunista de política Eliane Cantanhêde denunciou a avalanche de <u>e-mails</u> <u>ofensivos e ameaçadores</u>	Colunista Eliane Cantanhêde

Tabela 5 Análise intertextual do exemplo(61).

A análise por meio deste critério ressalta, de alguma maneira, as vozes presentes no texto e a observação da forma como são representadas permite que o leitor perceba se há algum desequilíbrio na representação, o que desfavorece o discurso recontextualizado. Seguindo este raciocínio, pode-se indagar, por exemplo: Quem representa este discurso? E o discurso do “paz e amor”, representa quem? E o discurso de que existe “resíduos de autoritarismo” em militantes do PT, representa que vozes?

A categoria da *representação de atores sociais* é observada, aqui, do ponto de vista da referência. Com intuito de demonstrar como as nomeações destes atores indicam um conteúdo avaliativo, aproveitou-se o quadro proposto por Resende e Ramalho (2006) que foi adaptado de forma a registrar a identificação dos atores sociais a partir da forma como eles são recategorizados⁹, de modo que se verificasse a representação desses atores no texto conforme os processos de retomada. Observe-se no quadro abaixo a esquematização da *representação dos atores sociais* deste discurso com as realizações lingüísticas das escolhas representacionais:

Atores sociais	Personalização		Impersonalização Autonomização do enunciado.
	Nomeação	Recategorização	
Eliane Cantanhêde	1	2	
Militantes petistas	2	3	
Jornalistas	1	2	
Veículos	1	1	
Presidente Lula	1		

⁹ No modelo proposto por Resende e Ramalho(2006), o segundo tipo de personalização aparece como *categorização*, em nossa esquematização, no entanto, substituímos este item por *recategorização*.

A imprensa	1	1	
A violência antimídia	1	11	3
Tarso Genro	1	1	

Tabela 6. Representação de atores sociais no exemplo (61).

O tema do texto em análise é a violência antimídia em decorrência da reeleição do presidente Lula. Este evento é representado no texto com a nomeação e onze (11) recategorizações que são transcritas a seguir: *onda antimídia, verdadeiro linchamento, linchamento digital, não virtual, (linchamento) agressivo, (linchamento) delirante, (linchamento) sumário, (linchamento) covarde, o estouro da manada, este episódio, justiça sumários*. Estas recategorizações informam ao leitor o posicionamento do autor em relação ao evento, estabelecendo uma reação a este, que pode ser interpretada como uma indignação perante um ato de extrema violência. Infere-se, no entanto, com o desenrolar do texto, que este discurso representa a ideologia que se revela contra a política esquerdista. Observe-se que as recategorizações de *militantes petistas* enquanto *atores* da violência se faz por meio de expressões extremamente axiológicas: *alopradados, aprendizes de feiticeiros e gente assim*. Esta última recategorização, que também pode ser considerada um encapsulamento, já que resume toda a caracterização utilizada no texto para referir os militantes do PT, inicia um período que denuncia o posicionamento antiesquerda supramencionado. O enunciador, em estratégia metadiscursiva¹⁰, atribui aos petistas um evento que se soma ao já exposto no texto para reforçar os pontos negativos deste ator social.

Se se quiser insistir na interpretação destas expressões como denunciadoras de um discurso antiesquerdista, pode-se explorar sua contextualização. Desta forma, ele pode ser descrito como um discurso situado em um período de reeleição de um presidente esquerdista que se deu em meio a uma série de denúncias de corrupção deste mesmo governo, suscitando na sociedade questionamentos acerca do processo de democratização do país. Em meio a estas denúncias, dúvidas sobre a veracidade destes fatos aparecem, e a imprensa é questionada sobre a imparcialidade com que deveria repassar as informações. Deste embate entre governo e mídia é que surgiram textos como o que foi analisado.

¹⁰ Aqui, a expressão *estratégia metadiscursiva* é empregado no sentido de estratégia metaenunciativa.

Observe-se este outro artigo de opinião:

(62) A mãe de todas as confusões

Quando imaginávamos que **tudo** o que havia para dar errado no Iraque já ocorreu, **novos desenvolvimentos** sugerem que **a encrenca** pode ser ainda maior do que haviam antecipado **os mais ferrenhos adversários da invasão norte-americana.**

Com efeito, se arrependimento matasse, George W. Bush já deveria ter-se encontrado com **seu Criador.** É claro que o **inquilino da Casa Branca** jamais irá admiti-lo, mas, se lhe resta algum senso de objetividade, **o mandatário** deve estar amaldiçoando o dia em que se deixou convencer por assessores a despachar tropas para a região.

Na visão dos neoconservadores americanos, **a intervenção bélica** tinha como objetivos livrar o mundo da ameaça representada pelas armas de destruição em massa de Saddam Hussein, acabar com o apoio material e logístico que o regime de Bagdá oferecia a organizações terroristas como a Al Qaeda e destruir uma das mais sanguinárias ditaduras do planeta, plantando a semente da democracia no Crescente Fértil.

Não foi preciso mais do que algumas semanas para ficar claro que as armas de destruição em massa não existiam e que os supostos vínculos entre Saddam e a Al Qaeda não passavam de delírio neocon. É verdade que os iraquianos se livraram do **ditador**, mas apenas para mergulhar numa guerra civil particularmente mortífera cujo fim ninguém vislumbra. Tudo o que George W. Bush conseguiu semear no Oriente Médio foi instabilidade política e a proliferação de organizações terroristas subsidiárias da Al Qaeda.

No plano interno dos EUA, **a intervenção** ajudou Bush a conquistar seu segundo mandato, mas os próprios norte-americanos acabaram percebendo, quatro anos e US\$ 430 bilhões depois, o tamanho da **encrenca** em que **o presidente** os meteu. **A aventura** já custou aos republicanos a maioria nas duas Casas do Congresso e, ao que tudo indica, os levará a uma derrota histórica no pleito presidencial de 2008.

E as coisas podem piorar ainda mais. Como mostrou reportagem de “The New York Times” desta semana, generais dos EUA estão mudando de estratégia para lidar com a **insurgência.** **Num plano ousado,** eles estão armando grupos sunitas vinculados ao antigo regime do partido Baath, de Saddam Hussein, que se disponham a combater núcleos sunitas ligados à Al Qaeda. Até há pouco, ambas as vertentes atuavam como aliadas atacando os soldados estrangeiros, mas há sinais crescentes de que os **sunitas baathistas** estão descontentes com as

táticas dos **integristas**, que não hesitam em explodir civis sunitas para cumprir seus intentos.

A idéia segue uma lógica. Sunitas do Baath têm todos os motivos do mundo para odiar os norte-americanos que, afinal, acabaram com a sua festa ao derrubar Saddam. Só que, hoje em dia, eles odeiam ainda mais os fundamentalistas islâmicos e, desde sempre, mais ainda os "persas", que é como eles se referem aos xiitas. Não é impossível, portanto, que os **sunitas baathistas**, que sempre foram laicos, usem as armas norte-americanas para matar em primeiro lugar **sunitas ultra-ortodoxos**. Só que nada garante que eles não as utilizarão também para atacar norte-americanos e xiitas, hipótese em que os EUA estariam municiando seus próprios carrascos e ainda agravando a guerra civil iraquiana.

De resto, a mudança de estratégia coloca **uma questão incômoda**. Se os generais dos EUA cogitam de usar **o pessoal de Saddam** para fazer frente aos fundamentalistas, por que diabos eles derrubaram o ex-ditador?

Meu leitor habitual é testemunha de que sou um entusiasta da democracia, mas seria brigar contra os fatos deixar de reparar que é nos países árabes mais democráticos (ou menos tirânicos) que o **integrismo** prospera. **As duas nações** que permitem que sua população se manifeste livremente através de um sistema representativo são a **Autoridade Nacional Palestina e o Líbano**. E ambos estão com problemas. Os palestinos com o Hamas; e os libaneses com o Hizbollah e, mais recentemente, com o Fatah al Islam. Será que apenas ditaduras conseguem frear a ameaça fundamentalista islâmica?

Deixo **essa intrigante questão** para uma coluna futura. Por ora, voltemos ao Iraque, mais especificamente à sua fronteira norte, onde se localiza a região curda do país, que era a única a viver em relativa tranquilidade. Não mais. O Exército turco está concentrando tropas na área e lançando disparos de artilharia contra o que classifica como posições de rebeldes curdos encravadas em território iraquiano. **Os generais turcos** já não escondem que gostariam de lançar **uma operação de maior envergadura**. Os EUA tentam, como podem, convencer Ancara a adotar um "low profile". Até **aqui** têm conseguido. A última coisa de que precisam é o envolvimento de mais uma nação estrangeira no **"imbróglio" iraquiano**.

A Turquia, é claro, exagera na retórica contra os curdos, **etnia sem pátria** à qual pertence cerca de 20% da população do país e que reclama a criação de um Curdistão independente, mas é inegável que existe um problema. Só nos últimos dois meses, 30 soldados turcos foram mortos em ataques, e nos primeiros nove meses do ano cerca de 600 pessoas foram mortas em atos de violência ligados aos militantes, segundo dados oficiais de Ancara.

Além da Turquia e do Iraque, há significativas populações curdas no noroeste do Irã e porções da Síria. **Um eventual envolvimento** direto da Turquia na **explosiva questão curda**, que enreda tantos países, elevaria **a crise iraquiana** a um novo patamar. Para agravar um pouco mais **o quadro**, os países árabes guardam profundo ressentimento da Turquia, que, até o início do século passado, dominava a região através do Império Otomano. O império acabou, mas **as rivalidades**, não. Na escala dos ódios regionais, os turcos ficam logo abaixo dos israelenses, mais ou menos empatados com os persas.

É esse xadrez de alta complexidade e muitas suscetibilidades que torna o Iraque **uma verdadeira armadilha** para Washington, **cujos desdobramentos** irão muito além do mandato de George W. Bush. Compreende-se que o atual presidente não retire as tropas do país. Fazê-lo equivaleria a admitir derrota. Mas, ao que **tudo** indica, nem mesmo o provável sucessor democrata de Bush poderá "declarar vitória e trazer os rapazes de volta". Pelo menos não tão rapidamente como a população gostaria. É que os EUA estão presos a uma rede de alianças e lealdades contraditórias que simplesmente implodiria com uma eventual fragmentação do Iraque.

No cenário mais provável, a dissolução do Iraque multiétnico daria lugar a três Estados, um de maioria árabe xiita (60% da população), outro árabe sunita (20%) e um terceiro curdo (20%), que tenderiam a guerrear entre si pelo controle dos ricos lençóis petrolíferos. **O problema** é que o conflito dificilmente ficaria restrito a esses três grupos. Como já vimos, a Turquia fará de tudo para impedir o surgimento de um Curdistão independente. (...)

Nessa confusão, os EUA já nem saberiam quem apoiar, pois são nominalmente aliados de todas as partes, exceto o Irã. A Turquia está ao lado da Casa Branca na Otan. Já o governo de maioria xiita iraquiano foi criado e é sustentado política e militarmente por Bush. (...).

(Artigo de opinião).

Também neste artigo, o autor inicia sua exposição através de introduções referenciais como se fossem retomadas. O assunto do texto, no entanto, só é recuperável em situações extralingüísticas e por meio de algumas pistas deixadas pelo enunciador, tais como *Iraque, invasão norte-americana*. Através destes elementos é que é identificado o tema central do artigo, que é o conflito entre norte-americanos e iraquianos. A despeito disso, o co-enunciador ainda não relacionou as anáforas ‘tudo’ ‘novos desenvolvimentos’ e ‘a encrenca’ aos seus respectivos referentes. Isto só será possível na progressão do texto.

Neste artigo, o posicionamento do autor se revela, sobretudo, mediante o emprego de anáforas recategorizadoras a partir de elementos extremamente informacionais para o leitor. Observe-se, por exemplo, que *George W. Bush* é recategorizado como *inquilino da casa branca, o mandatário e presidente*; o conflito entre norte-americanos e iraquianos, por sua vez, é recategorizado como *a encrenca, a intervenção bélica, a aventura, insurgência, imbróglio iraquiano*. As anáforas encapsuladoras, por seu turno, remetem a questões mais amplas do que as referidas no texto: permitem aos co-enunciadores agregar outros elementos à mensagem além das informações fornecidas pelo autor.

Do ponto de vista metadiscursivo, expressões anafóricas como um *eventual envolvimento* e *explosiva questão curda* exercem a função interpessoal: a primeira, modalizada pela expressão *eventual* e a segunda, enfatizada pelo adjetivo *explosiva*. Nesse sentido, observa-se que o enunciador se posiciona ideologicamente contra a invasão norte-americana no Iraque. Esta compreensão se depreende do fato de o *ator social* presidente Bush ser representado no texto como *o mandatário* de uma *encrenca*, o *imbróglio iraquiano*. Estas recategorizações reforçam, do ponto de vista argumentativo, a tese de que o conflito no Iraque foge ao controle de George W. Bush, interpretação que pode ser constatada através do seguinte período: *É esse xadrez de alta complexidade e muitas suscetibilidades que torna o Iraque uma verdadeira armadilha para Washington, cujos desdobramentos irão muito além do mandato de George W. Bush*.

A observação do texto através de uma perspectiva intertextual revela pontos de entrecruzamentos de vozes no texto. No quadro abaixo, pode-se observar como o enunciador se apropria de alguns discursos, recontextualizando-os para que estes sirvam ao seu propósito argumentativo.

Realizações lingüísticas		Vozes representadas
Discurso direto	Os EUA tentam, como podem, convencer Ancara a adotar um "low profile" "declarar vitória e trazer os rapazes de volta".	1.Os EUA 2. George W. Bush
Discurso indireto	1.o que classifica como posições de rebeldes curdos encravadas em território iraquiano. 2. Na visão dos	1.O Exército turco ; 2. neoconservadores americanos; 3.“The New York Times”; 4. Sunitas do Baath; 5.Os generais turcos;

	neoconservadores americanos, a intervenção bélica tinha como objetivos livrar o mundo da ameaça representada pelas armas de destruição em massa de Saddam Hussein(...); 3.(...)generais dos EUA estão mudando de estratégia para lidar com a insurgência . 4.eles odeiam ainda mais os fundamentalistas islâmicos; 5.os turcos já não escondem que gostariam de lançar uma operação de maior envergadura .	
--	--	--

Tabela 7 Análise intertextual do exemplo (62).

Nesta representação, as proposições permitem observar os aspectos ideológicos que perpassam no texto, o que demonstraria o posicionamento desfavorável à guerra assumido pelo autor/enunciador. Os eventos aspeados são uma menção direta ao dizer da voz representada. O termo “low Profile” pode, por um lado remeter o leitor/co-enunciador a uma expressão representativa da política norte-americana de influência cultural sobre os demais países, como ainda pode remeter o leitor ao fato de que o estrangeirismo é uma forma de o enunciador demonstrar que essa influência é uma realidade. "declarar vitória e trazer os rapazes de volta" é uma recontextualização, ou seja, o autor selecionou um trecho da fala do presidente norte-americano e o inseriu em um contexto em que esta fala assume um novo significado, diferente do original, possivelmente para provocar um efeito de sentido contrário ao pretendido por George W. Bush.

O discurso indireto recontextualiza as vozes representadas a partir de uma perspectiva assumida pelo autor/enunciador. Neste caso, paráfrases como . “Na visão dos neoconservadores americanos, **a intervenção bélica** tinha como objetivos livrar o mundo da ameaça representada pelas armas de destruição em massa de Saddam Hussein(...)” acrescentam ao conteúdo original do texto aspectos do próprio ato enunciativo. O leitor/co-enunciador, neste caso, não tem como identificar rigorosamente um traço de veracidade da atribuição mencionada pelo autor.

Observe-se no quadro abaixo a esquematização da *representação dos atores* sociais deste discurso com as realizações lingüísticas das escolhas representacionais:

Atores sociais	Personalização		Impersonalização Autonomização do enunciado.
	Nomeação	Recategorizações	
George W. Bush	4	3	
Saddam Hussein	3	1	
Al Qaeda	4		
Os norte-americanos	1		
Sunitas-baathistas	1		
Sunitas ultra-ortodoxos	1	1	
O leitor habitual do enunciador	1		
Os palestinos	1		
Os libaneses	1		
O exército turco	1	1	
O conflito EUA x Iraque		11	

Tabela 8. Representação de atores sociais em “A mãe de todas as confusões”.

Este artigo de opinião sobre o conflito entre EUA e Iraque, do ponto de vista da *representação dos atores sociais*, é construído diante das figuras mais representativas dos dois países: George W. Bush (4 nomeações e 3 recategorizações) e Saddam Hussein (3 nomeações e 1 recategorização). Não é, no entanto, a partir destes dados que posicionamento do enunciador é identificado, mas, sobretudo, a partir das recategorizações referentes ao conflito. Quanto a isto, não se observa, de forma explícita, uma introdução referencial que possa servir de âncora às recategorizações: o próprio título do artigo já é uma recategorização do evento político-social guerra no Iraque: *a mãe de todas as confusões*, e revela um posicionamento do autor que será confirmado ao longo do texto: o de que o conflito é uma “trapalhada” do presidente

norte-americano George W. Bush. Esta interpretação se confirma nas seguintes recategorizações do evento: *encrenca*, *aventura*, “*imbróglio*” *iraquiano*, *confusão*.

O artigo de pesquisa reproduzido abaixo representa prototipicamente este gênero do ponto de vista que se quis, aqui, investigar: nele, estão presentes quase todas as ocorrências de ERM observadas nos demais artigos acadêmicos do *corpus*, de modo que sua reprodução aqui aparece quase integralmente.

(63) **Este trabalho** apresenta uma análise morfo-fonológica dos prefixos no português brasileiro (PB), orientada por dois objetivos: primeiro, o de categorizá-los prosodicamente; segundo, o de situá-los em uma proposta de léxico segmentado em níveis.(...)

Está organizado da forma que segue. **Na seção 1** apresenta-se a delimitação dos dados analisados; na seção 2, discute-se o *status* prosódico do prefixo; na seção 3, o *status* lexical; por fim, na seção 4, trazemos nossas conclusões.

1. Delimitação dos dados

Começaremos por delimitar os prefixos que serão utilizados **ao longo de nosso estudo** tendo por base levantamento realizado nas gramáticas de Celso Cunha (1980) e Napoleão Mendes de Almeida (1989) e nas formações novas apresentadas por Sandmann (1989), com as adaptações necessárias a esta análise.

No **quadro 1** separamos os prefixos, inicialmente, em dois grupos, dissilábicos e monossilábicos. O critério para eleger **esse conjunto de prefixos** diz respeito às suas características fonológicas e morfológicas, mais do que semânticas. (...) Nosso esforço será no sentido de ser fiéis às suas características, mais do que a eles propriamente, ao longo de **nossa discussão**. Além disso, procuraremos nos restringir a vocábulos cuja prefixação seja sincronicamente identificável.

(...)

A divisão dos prefixos em monossilábicos e dissilábicos, apresentada no **quadro 1**, ainda não reflete nossa hipótese acerca de seu caráter prosódico. Propomos que sejam redistribuídos entre o que chamaremos de *prefixos composicionais* (PCs) e *prefixos legítimos* (PLs), admitindo, preliminarmente, que **os primeiros** têm a estrutura prosódica de *vocábulos fonológicos independentes* (w) e que os segundos se estruturam como *sílabas átonas* (s) adjuntas ou incorporadas à base a que se ligam. Traçando um paralelo com **outras categorias morfossintáticas**, PCs têm o mesmo perfil prosódico dos compostos autênticos, enquanto PLs perfilam-se como clíticos.

Suas diferenças estruturais são garantidas pelo nível do léxico em que são afixados.

Para sustentar **essa hipótese** usaremos como argumentos, inicialmente, o *acento* e a oposição *forma livre / forma presa*(...)

Nas duas próximas subsecções discutiremos esses argumentos. Antes, porém, redesenhemos o [quadro 1](#), agora contemplando nossa divisão entre PCs e PLs. Observe-se que a categoria PC admite todos os prefixos dissilábicos e os monossilábicos acentuados. A categoria PL, por outro lado, admite apenas os prefixos monossilábicos inacentuados.

(...)

Disso se depreendem duas exigências combinadas para considerar os prefixos do PB palavras fonológicas: que formem pés isoladamente e que não possuam mais do que um acento primário.

(...)

Nos exemplos de (1c), encontramos prefixos monossilábicos de sílabas leves e pesadas, porém, em nosso entendimento, todos inacentuados. **Isso** também é comum no PB, pois possuímos monossílabos átonos, tanto com sílabas leves quanto com sílabas pesadas (ex. *a, em, sob* etc.). (...)

Nossa intenção não é, contudo, analisar o sistema acentual do português, mas mostrar que o comportamento diverso dos prefixos em relação ao acento não nos permite tratá-los uniformemente nesse quesito, o que alimenta nossa hipótese de segmentação em dois grupos: PCs, contendo prefixos acentuados e PLs, contendo prefixos inacentuados.

(...)

O que se entende é que a teoria **aqui** adotada (Nespor & Vogel,1986) não obriga a atribuição de acento à palavra fonológica, apenas restringe esse acento a não mais do que um, o que permite não se atribuir acento nenhum. A partir dessa constatação, elimina-se a possibilidade de os prefixos acentuados formarem uma única w com a base a que se ligam, uma vez que o resultado seria um vocábulo com dois acentos primários, o que essa teoria não permite. **Essa característica** os torna semelhantes aos compostos, daí chamá-los *composicionais*. Os prefixos monossilábicos inacentuados, diferentemente, não permitem tal classificação, porque não possuem acento nenhum, caracterizando-se como sílabas átonas afixadas à esquerda de uma base, daí chamá-los *legítimos*.

(...)

Esse raciocínio tal qual está formulado não serve para a totalidade dos prefixos do PB, uma vez que muitos podem aparecer isolados na frase. É útil, todavia, para distinguir PCs de PLs. Os exemplos apresentados em (2) sistematizam essa realidade.

(...)

Os dados **acima** permitem as seguintes generalizações:

(...)

Contrariando nossa análise, alguém poderia afirmar que PLs podem se instanciar isoladamente sob a forma de preposições (ex. *a*, *em*, *com* etc.). **Esse argumento**, todavia, não refuta nossa hipótese, porque PLs, apesar de serem, em sua grande maioria, derivados historicamente de preposições, são menos livres sincronicamente do que elas. **Uma evidência disso** é o fato de PLs sempre respeitarem a condição de adjacência com a base morfológica a que se relacionam, diferente de clíticos, que podem sofrer intercalações, como *em casa* que admite a inserção de outro elemento, formando *em minha casa* ou coisa que o valha.(...)

Essa constatação encontra explicação na diacronia, uma vez que a maioria dos PCs se origina de formas livres, radicais gregos ou latinos, ao passo que PLs, como dissemos, derivam-se de preposições latinas no mais das vezes.

(...)2.3. *A estrutura prosódica dos prefixos no PB*

Pretendemos **nesta seção** propor a configuração prosódica de PCs e PLs, com vistas à organização do léxico, que será aprofundada na seção 3.

Nossa análise, embora tenha tomado as categorias de Nespor & Vogel (1986) como ponto de partida, diferencia-se significativamente **dessa proposta**, no sentido de que assumimos (cf. Booij, 1988) que a estrutura prosódica que pertence ao nível da palavra tem de ser derivada no léxico. (...)

A discussão até aqui arrolada inspira-nos a seguinte formalização.

(...)

Não nos agrada, contudo, a idéia de equiparação total entre PCs e compostos, pois com ela se perde a informação de que esses, ao contrário dos compostos, são afixos. **Nesse caso**, optamos por admitir que PCs são alçados para o nível 2, onde sofrem o processo de prefixação. O alçamento, ou *loop*, pode parecer, em um primeiro momento, uma solução *ad hoc*, mas a consideramos menos onerosa para

a gramática de uma língua do que a perda da informação derivacional. Ao retornar ao nível 2, o PC e sua base se convertem numa única palavra prosódica, como mostra o nó mais alto de (5) ³/₄ daí a necessidade de *w* ser recursivo. **Esse tratamento** expressa com maior clareza o que entendemos por *prefixação composicional*, ou seja, PCs estão sujeitos aos dois processos, cada um a seu tempo.

Outra questão problemática que se coloca é a seguinte: *sendo um elemento composicional, inserido no primeiro nível do léxico para receber acento, por que não sofre flexão no nível 2?*

(...)

Finda **aqui** nossa análise da estrutura prosódica do prefixo. Nossas conclusões nortearão a próxima seção, em que se aprofundará a organização do léxico do PB.

(...)

Na seção 2, ao apresentar argumentos para segmentar os prefixos do PB em PCs e PLs, já se renunciou **uma discussão** em torno da organização do léxico. Buscamos **agora** formalizar essa organização, através dos pressupostos da FL, tomando por base Kiparsky (1985).

Ao tratar da formação de palavras em PB, as análises em Fonologia Lexical **até então** realizadas **sempre** colocaram os prefixos todos no mesmo nível (para Lee, no nível 1 e para Moreno, no nível 2). **Esse**, em nosso entendimento, não é um tratamento adequado, porque não leva em conta diferenças prosódicas entre prefixos.

Nosso propósito é contemplar a segmentação entre PCs e PLs, proposta na seção 2, na divisão em níveis do léxico.

Nesse sentido, assumimos que toda prefixação, enquanto processo derivacional, ocorre no léxico, e se divide entre prefixação de nível 1 e prefixação de nível 2, subordinando-se às seguintes condições:

prefixos que lidam com uma base em forma³/₄ção pertencem ao nível 1 e

toda prefixa³/₄ção de nível 2 lida com a palavra pronta.

Tendo em vista essas condições, formulamos **abaixo** as hipóteses centrais desta seção.

(...)

Nossa tarefa **agora** é buscar evidências na fonologia e na morfologia para essa segmentação. (...)

Esta seção analisará alguns aspectos envolvendo prefixação e estrutura silábica. Após uma breve reflexão sobre PCs, debruçamo-nos sobre os PLs, onde encontramos elementos na epêntese para discutir sua segmentação em classes. (...)

O fato é que as consoantes que fecham esses prefixos não formam *onset* complexo com a sílaba inicial da base, como mostram as formas asteriscadas, em função do Princípio de Integridade prosódica (IP), proposto por Harris (1983), que prevê que uma vez estabelecidos os constituintes com os quais a palavra pronta se apresenta, eles devem ser preservados, ou seja, a inserção de um morfema novo, em nível lexical, que lide com a palavra prosódica (com acento atribuído), deve respeitar esses limites. (...)

Além **disso**, para sustentar (11), é preciso considerar, como faz Lee (1995), que o OCP não atua para simplificar a seqüência s+s, em virtude de o segundo elemento não estar silabificado. Collischonn (1997) propõe uma revisão do argumento de Lee, através do ordenamento da epêntese antes da prefixação. **Esse raciocínio** é, para nós, **o ideal**. **O fato** é que a autora compara *desestruturar* com *desselar*, mas não leva em conta casos como *destruir*, em que a epêntese não ocorre, apesar de haver contexto.

(...)**Esse quadro** apresenta uma proposta de segmentação semântica do prefixo *deS-*, com um único intuito, o de explicar seu comportamento fonológico diferenciado. (...)

A teoria aqui adotada, baseada em Kiparsky (1985), permite que os casos de (15a) sejam resolvidos lexicalmente, através da aplicação ou não-aplicação das regras de prefixação e sufixação, isto é, em *desleal* simplesmente a sufixação não se aplicou; em *lealdade*, dispensou-se a prefixação. Acento e silabificação voltarão quando for necessário.

(...)

Este trabalho quer se somar aos estudos, ainda não muito numerosos, que olham para a interface fonologia/morfologia no PB. Como qualquer trabalho em teoria gerativa, abre espaço para discussão, a partir da contra-exemplificação.

(Artigo de pesquisa)

A observação dos processos referenciais metadiscursivos nos artigos científicos revelou algumas particularidades quanto à forma de manifestação deste fenômeno. Diferentemente do artigo de opinião, neste tipo de texto, os conteúdos avaliativos não parecem exibir uma carga axiológica que remeta a posicionamentos

persoais tendo em vista aspectos sociais, políticos ou culturais. Os posicionamentos assumidos dizem respeito ao arcabouço teórico que se assume para defender um objeto de pesquisa. Nesse sentido, a argumentação se faz em torno dos conteúdos epistemológicos contidos nestas teorias. Talvez isso justifique o equilíbrio semântico observado nas expressões anafóricas como *nosso estudo*, *esse trabalho* e *essa discussão*, que apresentam sinonimicamente o referente.

Quanto ao objeto de estudo, no entanto, algumas qualificações como *este raciocínio*, recategorizado como *o ideal*, parecem reforçar a justificativa pela qual se convencerá o co-enunciador de que o estudo é relevante. De resto, há de se considerar o número significativo de dêiticos textuais utilizados em artigos científicos. Neste, especificamente, observou-se que o emprego de expressões como *esta seção*, *no quadro*, *em (x)*, *aqui* e *agora* exercem também a função metadiscursiva textual de sinalizar o espaço textual de modo a facilitar a compreensão do texto para o leitor.

Há de se considerar ainda, no que concerne aos aspectos relacionados aos artigos de pesquisa, que eles possuem linguagem especializada e propósitos comunicativos bem delineados e - por isso mesmo talvez - não permitam uma variação interpretativa tão grande quanto a que se observa nos artigos de opinião. Quanto a isso, Hyland (1998) pondera que os escritores de textos científicos escrevem para seus pares, ou seja, para pessoas que, por pertencerem a uma mesma comunidade discursiva, compartilham, na maioria das vezes, dos mesmos pontos de vistas, além de dominarem os mesmos conteúdos teóricos.

Outra constatação da pesquisa foi a de que as ERM observadas nos artigos de pesquisa são, em grande parte, representadas por expressões metalingüísticas que retomam, de forma sinonímica, parafrásica ou definidora, os conteúdos do texto. É o caso das retomadas *este raciocínio*, *esse argumento*, *esta constatação* e *a discussão* que, conforme observamos no exemplo (63), referem a âncora de forma a demonstrar certa neutralidade por parte do enunciador. Mediante esta observação, entende-se que as ERM, neste gênero, ocorrem de forma a não manifestar tão notadamente valores axiológicos.

Do ponto de vista da ACD, observou-se, através da *representação dos atores sociais* uma frequência de enunciados impersonalizados. Isto quer dizer que as práticas discursivas adotadas neste gênero obedecem a estratégias discursivas que, via de regra, imprimem uma autoridade impessoal aos enunciados em que os atores são representados através de referências aos seus enunciados. É o que se entrevê nas

seguintes ERM: *esta constatação, este raciocínio, a teoria aqui adotada, este trabalho*, presentes no artigo científico acima. Tais expressões imprimem ao texto um caráter de objetividade, recurso usado para a atribuição do valor de verdade à sentença.

A intertextualidade é outra categoria pela qual se pode verificar esse *status* de verdade que o enunciador acadêmico quer imprimir ao seu texto. As citações, e as representações discursivas, *diretas ou indiretas*, são formas de fundamentar a informação. Observe-se este trecho de artigo acadêmico:

(64)Vale a pena lembrar aqui que a existência de um sentido metafórico foi objeto de disputa entre **Black (1962)**, que defendeu a existência de sentido metafórico, e **Davidson (1984)**, que se recusou a aceitar a existência de sentidos metafóricos. Black, quando fala de sentido metafórico, está falando de um novo contexto de uso para o termo. Isto certamente não é negado por **Davidson**, que quer defender que os itens lexicais em sentenças metafóricas têm seu sentido "costumeiro".

(artigo de pesquisa)

A intertextualidade e as formas de investigações metodológicas que dela derivam permitem descobrir uma enormidade de eventos discursivos, mas não se alcançou nesta pesquisa uma forma de utilizá-la na análise do conteúdo axiológico das ERM nos artigos acadêmicos constantes no *corpus*, sobretudo, uma intertextualidade que revelasse aspectos da prática social enquanto reflexo de eventos sócio-discursivos suficientes para uma abordagem crítica deste gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou estabelecer um diálogo entre ramos de estudos sobre a linguagem para que o fenômeno da referenciação pudesse ser percebido como expressão de acesso à construção de sentidos de um texto, sobretudo no que diz respeito à identificação do posicionamento do enunciador através do emprego de estratégias metadiscursivas.

Partindo desta idéia inicial, elegeram-se os seguintes questionamentos como norteadores da nossa pesquisa: 1) Como descrever o caráter metadiscursivo de processos referenciais e caracterizar diferentes casos de metadiscursividade de anafóricos e dêiticos nos gêneros artigos de opinião e artigos de pesquisa da área de Linguística; 2) De que forma o conteúdo axiológico destas expressões poderia ser observado tendo em vista sua utilização como meio de interpretação ou de construção de sentido do texto.

A partir destas indagações, foram elaboradas as seguintes hipóteses: os processos referenciais anafóricos e dêiticos possuem caráter metadiscursivo que revelam posicionamentos construídos discursivamente e cujo sentido se constrói em práticas discursivas; as expressões referenciais podem manifestar um posicionamento do autor perante o leitor, bem como uma intenção em estabelecer uma relação de cumplicidade. Considerando isto, supôs-se existir uma sobreposição dos processos referenciais e metadiscursivos em uma mesma expressão, desta forma, as expressões anafóricas e dêiticas exerceriam funções metadiscursivas referindo, reformulando, recategorizando, organizando informações de forma textual ou interpessoal, isolada ou simultaneamente.

Esta hipótese, de que as expressões referenciais exercem também a função metadiscursiva, enquanto fator organizador(textual) e interpessoal, revelando com isso posicionamentos do autor/enunciador, confirmou-se mediante a observação de indícios gramaticais e semânticos. Nesse sentido, os níveis textual e interpessoal do discurso se apresentaram como formas de auxílio à identificação do caráter metadiscursivo das expressões referenciais.

O termo metadiscurso foi empregado aqui com uma significação intermediária entre um conjunto de estratégias linguísticas auto-reflexivas que, com o objetivo de organizar o texto e estabelecer uma relação entre enunciador/escritor e co-

enunciador/leitor, manifesta-se sob a forma de algumas expressões estereotipadas e o modo como algumas destas estratégias revelam o posicionamento do enunciador.

Por considerar aspectos enunciativos muito valiosos para este estudo, pois este se preocupou em estabelecer uma análise dos aspectos interativos dos textos estudados, optou-se por uma classificação dos processos referenciais que abordassem os objetos-de-discurso como resultados de uma relação urgente entre enunciador e co-enunciador, apresentado-se para tanto a enunciação como ambiente em que os produtos desta relação servem de via de acesso aos significados que se interpõem no texto. Esta é uma das justificativas que sustentaram a opção pela proposta de Cavalcante(2003 e 2004).

Neste sentido, a proposta deste trabalho se concentrou em apresentar a idéia de que a expressão referencial, aliada a função metadiscursiva, contém os indícios de como este enunciador se posiciona ou sinaliza ao co-enunciador o modo como quer que a mensagem seja interpretada. Nos estudos de Hyland (2005) sobre o metadiscorso, essa propriedade aparece como uma função estratégica de engajamento pela qual o escritor tenta conquistar seu leitor com vistas a persuadi-lo sobre o conteúdo argumentativo de seu texto. Já nas expressões referenciais esse teor argumentativo pode surgir através de recursos como os encapsulamentos e as recategorizações.

Foi sob esta perspectiva que se pretendeu aproximar os processos de referenciação dos elementos metadiscursivos: observando quais expressões referenciais apresentam maior potencial para exercer essa função. Nesse aspecto, cumpre observar, as funções metadiscursivas classificadas por Crismore (1989) e Hyland (1998), aparecem de forma estereotipadas, de modo que, entre os marcadores relacionados por estes autores, não aparecem os processos de referenciação. Contudo, constatou-se que o metadiscorso pode apresentar formas que permitem estabelecer um entrelaçamento entre as funções destas categorias e o propósito discursivo das expressões referenciais descritas aqui.

Para comprovar isto, observou-se inicialmente o traço semântico das expressões referenciais que pudessem indicar a função metadiscursiva segundo a classificação de Hyland (1998). Esse procedimento permitiu a observação de traços do metadiscorso textual (conectivos lógicos, marcadores de enquadramento, marcadores endofóricos, marcares evidenciais e marcadores reformulativos) muito frequentes nos artigos de pesquisa, sugerindo que, neste ambiente textual a estratégia de persuasão é realizada por meio da organização textual; e o emprego fortemente marcado do metadiscorso interpessoal nos artigos de opinião. Neste gênero, as formas

modalizadoras e enfáticas; e os marcadores de atitude, de relação e de pessoa aparecem nitidamente, estabelecendo-se como estratégias de persuasão.

O uso de conceitos como posicionamento, engajamento, *ethos* e comunidade discursiva direcionaram a pesquisa para uma preocupação de análise dos dados que nos permitisse comentar o caráter axiológico das expressões identificadas no texto. O emprego de alguns critérios da ACD para esta análise permitiu que tais comentários remetessem aos aspectos enunciativos como reflexo da prática social no texto, de modo que, principalmente na análise do conteúdo axiológico das ERM nos artigos de opinião, fosse percebida a influência das mudanças sociais nas formações discursivas e como isto é percebido no material lingüístico.

O respeito a estes aspectos, neste trabalho, deu-se, dentre outras razões, pela consideração de que, na análise, a variação das categorias pode estar subordinada aos diferentes modos como uma cena é vista. Nesse caso, são o ponto de enfoque e a perspectiva a partir dos quais se observa o fenômeno que determinam a mudança. Assim, uma alteração no contexto ou no modo de apreensão do objeto pode modificar o léxico ou a compreensão que se interpõe entre o item e seu significado. A observação desses aspectos constituiu ponto fundamental para a descrição que se pretendeu fazer do funcionamento dos processos referenciais como agentes metadiscursivos.

A grande contribuição deste trabalho, no entanto, talvez consista na proposta de análise das expressões referenciais metadiscursivas. A constatação de que a função metadiscursiva estava presente em muitas anáforas e dêiticos, desencadeou a necessidade de apresentar uma análise destas expressões a partir de um contexto que revelasse seu componente axiológico ao leitor/co-enunciador. Neste instante da pesquisa, aparecem as categorias da ACD como a *intertextualidade* e a *representação dos atores sociais* para demonstrar a esse leitor/co-enunciador o contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido. Isto se deu principalmente nos artigos de opinião.

No que se refere à análise aplicada ao discurso acadêmico, observou-se que este mobiliza outras instâncias de hegemonia e de poder que ocorrem de forma não semelhante à que se observa nos meios de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APOTHÉLOZ, D.; Reichler-Béguelin, M. J. Construção da referência e estratégias de designação. In Berrendonner & Reichler-Béguelin, M.J.(eds). **Do sintagma nominal aos objetos-de-discurso**: SN complexos, nominalizações, anáforas. Neuchâth, Université de Neuchâth, 1995, p.227-271, [tradução livre Mônica Magalhães Cavalcante].

APOTHÉLOZ, D; DOEHLER, S.P. Nouvelles perspectives sur la référence: des approches informationnelles aux approches interactionnelles. *Verbum*, tome XXV, n.2, 2003, p. 109-36.

ARAÚJO, A. D. **A interação pela linguagem**: um estudo do metadiscorso interpessoal no gênero artigo de pesquisa em inglês. Trabalho apresentado no I Congresso da associação LatinoAmericana de Estudos do Discurso-ALED, Recife, 2003.

AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas (SP), V.19, dez. 1990, p.25-42

BAKHTIN, Mikhail M.. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes. 1997.

BENVENISTE, É. **Problemas de Lingüística Geral I**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995.

BÜHLER, K. The deitic field of language and deictic words. In: Jarvella, R.J. & KLEIN, W. (eds). **Speech, place and action**: studies in dêixis and related topics. New York: John Wiley and Sons, ([1934]) 2003, p.9-30.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso**: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Recife, 2000. 205p. Tese (Doutorado em Lingüística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Universidade Federal de Pernambuco.

_____. Anáforas indiretas e relações lexicais. In.: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação, 2004a, CD-Rom, 10p.

_____. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. In.: CAVALCANTE, Mônica M.; BRITO, Mariza A. (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação, 2004b, CD-Rom, 21p.

_____. Processos de referenciação: uma revisão classificatória. In.: CAVALCANTE, M.M.; BRITO, M.A. (Orgs.). **Gêneros textuais e referenciação**. Fortaleza: Quatro Comunicação. 2004c, 19p.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In KOCH, I. V.,MORATO, E. M., BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo, 2005, p.125-149.

_____.Referenciação e intertextualidade. Trabalho apresentado por ocasião da XIX jornada de estudos lingüísticos , GELNE, João Pessoa, 2006.

CHAROLLES, M. **La référence et les expressions référentielles en français**. Paris: Ophrys, 2002.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica**: com atenção especial para os dêiticos discursivos. Fortaleza, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística). Programa de Pós-Graduação em Lingüística. Universidade Federal do Ceará.

CRISMORE, A. **Talking with Readers: Metadiscourse as Rhetorical Act**. Nova york: Peter Lang, 1989.

_____. Metadiscourse and discourse processes: interactions issues. In: **Discourse Processes**. Vol.13.p. 191-205, 1990.

CONTE, A. Encapsulamento anafórico. In CAVALCANTE, M.M., BIASI, B.R & CIULLA, A. (orgs) **Referenciação**. São Paulo, 2003, p. 177-190.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

_____. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. p. 77-104.

_____. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

FAIRCLOUGH, N. Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis. *Journal of Pragmatics*, 1985, p. 739-63.

_____. **Language and Power**. Londres e Nova York: Longman, 1989.

_____. **New Labour, New Language**. Londres e Nova York: Routledgem, 2000.

_____. **Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

FILLMORE, C. **Lectures on deixis**. California: CSLI Publications, 1997.

HALLIDAY, M.A.K., **Explorations in the functions of language**. Elsevier-Noth Holland. Nova York, 1973

HYLAND, K. Persuasion and context: The pragmatics of academic metadiscourse. In: **Journal of Pragmatics**, Hongkong, nº 30, 1998a, p. 437-455.

_____.Talking to students: Metadiscourse in introductory coursebooks. **English for Specific Purposes**, London, v. 18, n°1, 1998b, p. 3-26.

_____. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. **Discourse Studies**. Vol 7, nº 2, 2005. Disponível em: <<http://dis.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/2/173>>. Acesso em: 20 Mar. 2007.

HYLAND, K & TSE, P. Metadiscourse in academic writing: a reappraisal. **Applied Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, vol 25, nº 2, 2004, p.156-177.

JUBRAN, C. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In KOCH, I. V., MORATO, E. M., BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p.219-241.

KLEIBER, G. **L'anaphore associative**. Paris: Presses Universitaires de France, 2001

KOCH, I.V.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos referenciais na produção de discurso. **D.E.L.T.A.[online]**, v. 14, n. especial, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 Ag. 2006.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo Contexto, 2003

_____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LYONS, J. **Semântica I**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

_____, J. Dêixis and subjectivity: loquor, ergo sem? In: JARVELLA, R.J., KLEIN, W. (eds), **Speech, place and action: studies in deixis and related topics**. New York: John and Sons, 1982, p. 101-123.

MAINGUENEAU, D. & CHARAUDEAU, P. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes editores, 1989.

_____. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar edições, 2004.

MARCUSCHI, L. A. O processo de referenciação na produção discursiva. **Estudos lingüísticos: realidade brasileira**. 1º ed. João Pessoa: Idéia Editora, 1999, p. 219-230.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In KOCH, I. V., MORATO, E. M., BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219-241.

MILNE, E.D. Metadiscourse revisited: a contrastive study of persuasive writing in professional discourse. **Estudios Ingleses de la Universidad Complutense**, Madrid, v.II, 2003, p. 39-52.

MONDADA, L. e DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In CAVALCANTE, M.M., BIASI, B.R & CIULLA, A. (orgs) **Referenciação**. São Paulo, 2003, p. 17-52.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

RESENDE, V. M., RAMALHO, V. C. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico metodológicas. **Linguagem em (dis)curso**. Tubarão, v.5, nº 1, 2004, pp. 185-207.

ROTTAVA, L. Recursos metadiscursivos na escrita de aprendizes de português como língua estrangeira. **Entrelinhas**, nº.1, 2006. Disponível em <http://www.entrelinhas.usisinos.br/index.php?e=4&a=21>

SWALES, J.M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

Van LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E.R. (org.) **Análise crítica do discurso**: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VANDE KOPPLE, W.J. Some exploratory discourse on metadiscourse. **College Composition and Communication**, nº 36, 1985, p. 82-93.